
Do Mutum ao Buriti Bom: Travessia de Miguilim

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro*

RESUMO

Este trabalho através da interpretação literária faz uma descrição da paisagem reproduzindo o espaço geográfico criado por Guimarães Rosa (1956) no imaginário do romance “Manuelzão e Miguilim”.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem geográfica, imaginário, espaço geográfico, geografia cultural.

Quem gosta torna. Estou aqui, outra vez, nesta querida Cordisburgo, para participar de mais uma Semana Roseana, prazer que não pude fruir ano passado, retornando agora, para juntar-me a vocês no culto ao ilustre filho desta terra.

Sendo o tema central da Semana a obra “Manuelzão e Miguilim” permito-me escolher o segundo, personagem central da novela “Campo Geral”. Mas, ao tentar focalizar a travessia do personagem, terei que transgredir a norma da temática, se nos aferrarmos à lamentável fragmentação da obra original - o “Corpo de Baile”, em sua primeira edição, aquela da José Olympio, de 1956. Assim o exige o tema por mim proposto, ao considerar a própria natureza transgressiva do personagem que é o centro da primeira das sete novelas que o compõem; é mencionado na terceira – “A Estória de Lélío e Lina” - e reaparece, com grande destaque, na última delas - “Buriti”. Aliás, a inteireza da obra em foco foi explicada pelo próprio autor, como se constata neste trecho de sua carta ao tradutor italiano da mesma, Edoardo Bizzarri, datada de 25 de novembro de 1963:

A primeira estória tenho a impressão, contem em germes, os motivos e temas de todas as outras, de algum modo. Por isso é que lhe dei o título de “Campo Geral” explorando uma ambiguidade fecunda. Como lugar, ou cenário, jamais se diz. Um campo geral ou o campo geral, este campo geral, no singular a expressão não existe. Só no plural os gerais, os campos gerais. Usando, então, o singular. eu desviei o sentido para o simbólico: o de plano geral (do livro) (GUIMARÃES ROSA, 1981, p. 58)

A primazia do “simbólico” na obra de Guimarães Rosa é, assim, um poderoso motivo para minha decisão, para o que encontro magnífico apoio num dos maiores analistas do nosso querido autor, Heloisa Vilhena de Araújo, em sua obra “A Raiz da Alma”, dedicada a análise do “Corpo de Baile”. Ali, com um profundo conhecimento literário, uma alentada erudição e aguçada sensibilidade, ela desvela todo o platonismo que guiou a composição daquela obra magistral. Partindo daquele “*certo aspecto planetário ou de correspondências astrológicas*” contidas na estória “O Recado do Morro”, ela chega a identificar, inequivocamente, a marca simbólica de cada um dos sete planetas básicos da cosmologia ptolomaica, em cada uma das sete novelas que compõem o “Corpo de Baile”.

Se for perfeitamente verdadeiro que cada uma das novelas contidas no “Corpo de Baile” pode ser plenamente fruída isoladamente - fato que explicaria a fragmentação editorial feita posteriormente - a visão de conjunto se impõe como exemplo de um todo que transcende a simples soma de suas partes. Esta visão holística pode ser favorecida com o auxílio de uma analogia montada sobre outro tesouro artístico das Minas Gerais. Se também é verdade que cada um dos profetas esculpido pelo Aleijadinho sustenta-se como relevante obra de arte, ela atinge sua plenitude no seu conjunto, dispostos no adro do santuário de Bom Jesus de Matosinhos, acompanhado dos passos, no cenário colinoso de Congonhas do Campo.

Por estas razões, insisto em que a presente abordagem seja vista na perspectiva da edição original,

*Geografia - Universidade de São Paulo

com as esclarecedoras epígrafes do neoplatônico Plotino (205-270), de Ruysbroeck-o-admirável (um místico holandês do século XIV-1293-1381), mescladas ao coco da festa de Chico Barbós, indícios seguros da procura de universalidade para o sertão roseano e seus personagens.

Em trabalho anterior (MONTEIRO, 1988) baseado nos dois índices, com as classificações das estórias, montei um quadro de relacionamento entre os espaços geográficos e romanescos, aliado à centralidade ou periferia dos personagens em relação aos “gerais” nas sete estórias, bem como, exibindo a articulação intertextual

dos personagens transgressivos de uma para as outras (Figura 1). Agora, cabe exibir as correlações astrológicas feitas pelo autor. Recorro aqui à preciosa representação de Gauthier de Metz figurando a cosmologia - intimamente conectada à fundamentação da fé cristã - vigorante por toda a Idade Média até a revolução de Copérnico (1473-1643), no Renascimento. Lembremo-nos que a concepção do universo exposta por Camões, no Canto X dos Lusíadas, exalta a epopéia marítima lusitana num universo puramente ptolomaico, geocêntrico, como nos revela a gravura (Figura 2).

Figura 1

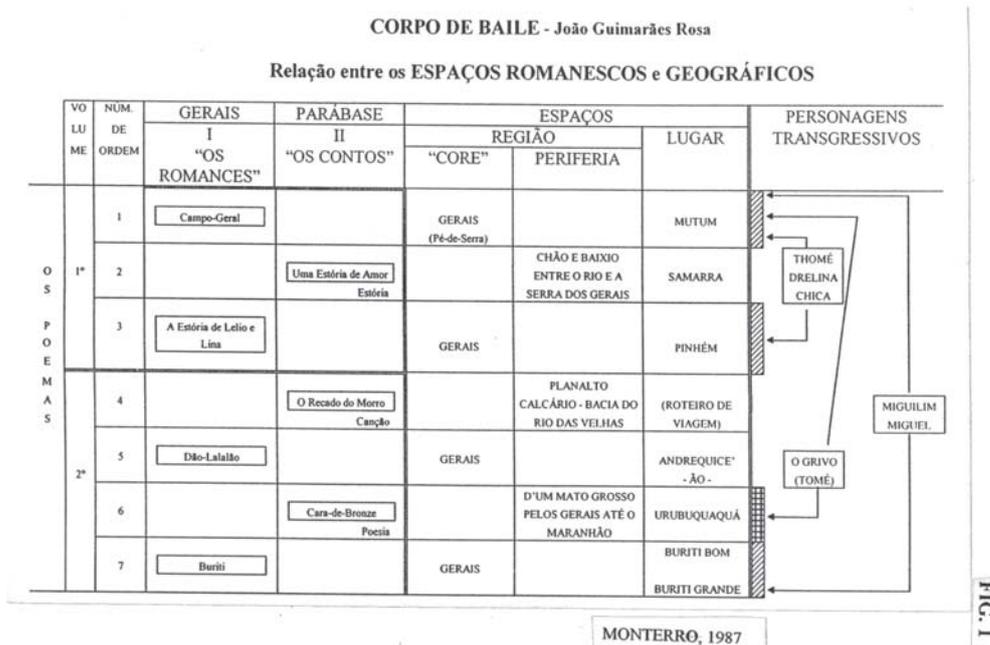


Figura 2 - Concepção do Universo



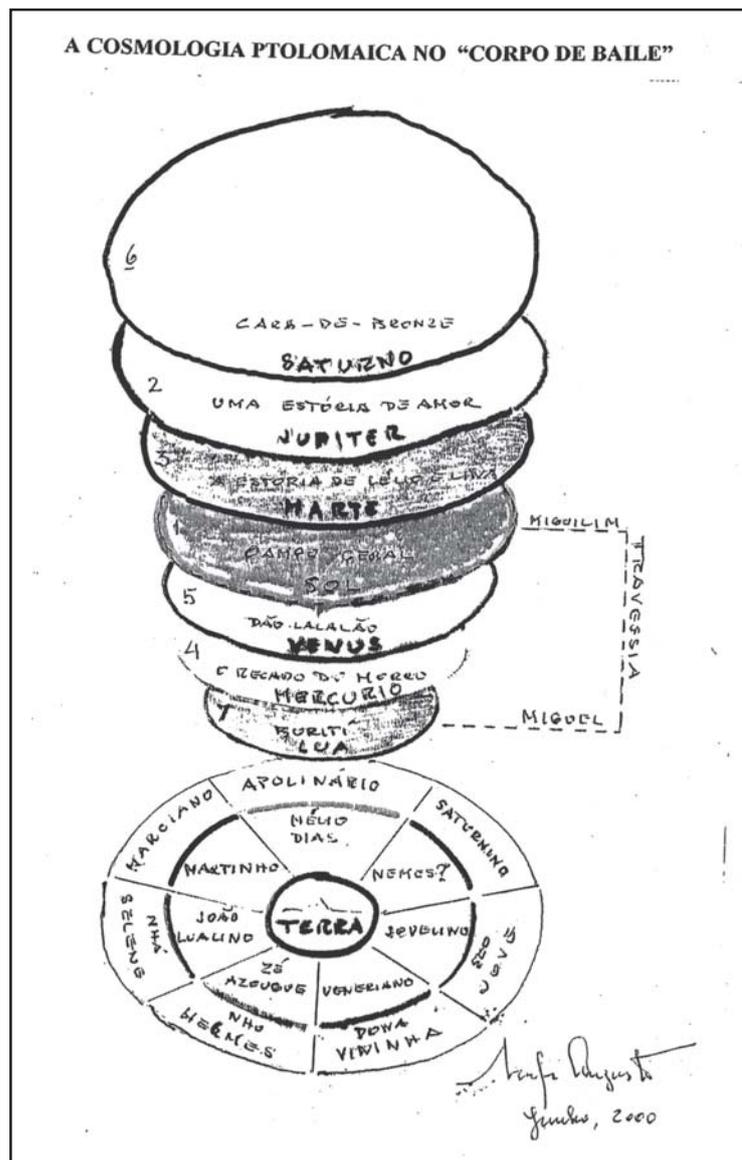
Aristóteles e Ptolomeu, os dois pilares da cosmologia antiga e medieval, construíram um monumento difícil de abalar, sobretudo porque sobre esta concepção de cosmos, estabeleceu-se o dogma teológico principal, aquele que sustenta o todo. A revolução copernicana, para não enfrentar a Igreja, teve que se contentar a modesta condição de uma mera “hipótese”. Galileu Galilei (1564-1642) teve que enfrentar a Santa Inquisição e, para não enfrentar a fogueira teve que declarar: *de coração sincero e em plena boa fé, abjuro, amaldiçoo e detesto os supracitados erros e heresias*. O renitente dogma repousava numa concepção simples. No seu tratado “Do Céu” Aristóteles dividia o universo em duas grandes partes. A primeira, “sublunar”, ou seja, nas redondezas da Terra, centro fixo do sistema, constituindo um mundo essencialmente corruptível, onde os quatro elementos - terra, água, ar e fogo - agem uns sobre os outros. A segunda parte, a “celeste” era um mundo inalterável, cujos movimentos não podiam,

em nenhum caso, se transformar. Era um mundo de esferas absolutamente regulares e lisas, girando em torno da Terra, um mundo ideal onde nada podia mudar, onde nada nela era engendrada ou corruptível. Imaginar que a Terá não passava de um planeta igual aos outros; descobrir, com a luneta de Galileu, satélites em Júpiter; admitir a possibilidade de outros planetas, rompendo a fortaleza simbólica do número sete, era crime passível da atenção do Santo Ofício.

O sertão roseano, interior isolado, relicário cultural de arcaísmos, bem pode admitir esta concepção cosmológica, (MONTEIRO, 1998) apontada por ele próprio, para “O Recado do Morro” e desvelado para o conjunto da obra por Vilhena de Araújo. Apoiado neles, montei um esquema (Figura 3) onde na base, procurei figurar a sintonia vigente em “O Recado do

Morro” superpondo a este círculo representativo da Terra aqueles referentes aos sete planetas e as estórias a eles associadas.

Figura 3



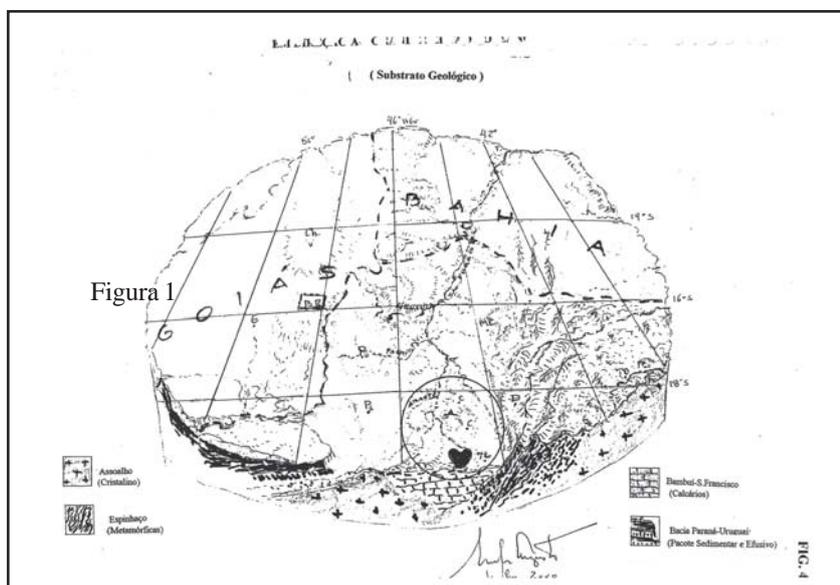
Apesar de geógrafo, minha leitura de Guimarães Rosa, não se reveste de nenhuma preocupação “corográfica”, ou seja, querer identificar, no seu “sertão”, a precisão toponímica em uma realidade cartográfica acurada. Sua liberdade de criação artístico-literária, já se apresenta impregnada daquilo que é a essência mesma da mais legítima preocupação geográfica, ou seja, aquela vinculação íntima do Homem com a sua Natureza. Quando tento desenhar os sítios de suas estórias, é o sentimento do “leitor” que supera, em muito, um possível “conhecimento geográfico” já que prescinde do apoio de um conhecimento direto ou “in situ”. Mas, por vezes, vejo-me empenhado a rabiscar esboços, diagramas, consulta de mapas topográficos, para situar-me num espaço romanesco onde o “físico” está, irremediavelmente, associado ao metafísico.

A posição das Minas Gerais no quadro brasileiro, revela aquela distância do litoral, aquela interioridade onde as distâncias espaciais e os tempos cronológicos induzem a compreensão de um ambiente propício à aproximação e maior intimidade do Homem com a sua Natureza. A consideração do substrato geológico (Figura 4) exhibe a diferença geral entre os terrenos, apontando a sua diversidade e ressaltando, na Série Bambuí - São Francisco, a natureza dos terrenos calcários, geradores de paisagens com suas grutas e lapinhas, e aquelas geradas pelos chapadões areníticos, entremeados de afloramentos ocasionais de um assoalho granitóide. E esta diversidade básica na composição do assoalho sertanejo leva-me a conjecturar sobre o “Grande Sertão Roseano”. Tem sido muito ressaltado o fato indissociavelmente importante da “centralidade da estória” “O Recado do Morro”, o que é absolutamente válido, sobretudo do ponto de vista do simbólico.

Quando focalizamos a espacialidade geográfica, a partir do contexto geológico, percebemos, claramente, que o espaço calcário, onde ocorreu o roteiro do cientista Olquist, com seus companheiros, segundo o périplo das sete fazendas, tendo como centro o Morro da Garça, sentimos que ele representa, sobretudo, a “entrada” ou o “vestíbulo” do Grande Sertão. Este é caracterizado, acima de tudo, pelo domínio dos “gerais” cujo centro mais legítimo é representado pelo rio Urucuia. Não esqueçamos de que, naquela entrada, junto à belíssima gruta do Maquiné, está Cordisburgo, o ponto de partida de Guimarães Rosa para o sertão e para o mundo. E a paisagem calcária, com suas grutas, lapinhas e urubuquáras são apenas uma das feições sob as quais se nos apresenta aquele grande sertão, uno, mas variado. Quando Vilhena de Araújo, em seu mencionado “A Raiz da Alma”, detém-se na análise daquele conto “central”, o que ela diz em relação a ele pode ser estendido para todo o “Corpo de Baile” e, quiçá, para a obra do escritor.

[...] Minas *gerais*, a terra natal de Guimarães Rosa, é lembrada e guardada com todos os *seus detalhes* sensíveis, reais, em sua especificidade completa, nas palavras do conto. A realidade torna-se realidade lembrada, animada contada por Guimarães Rosa, e este num movimento ambíguo de reflexo, *torna-se* Minas Gerais. Guimarães Rosa encarna-se na paisagem de Minas e, de invisível que é, torna-se visível. A sua idéia - o platonismo - encarna-se e toma forma na paisagem real - natural e humana - de Minas: de abstrato concretiza-se na especificidade da paisagem mineira. O contar do conto é portanto, constante transformar do real em estória, em mito, em imaginação, em alma, em reflexo, em Guimarães Rosa. (VILHENA ARAÚJO, 1992, p. 91)

Figura 4 - Substrato Geológico



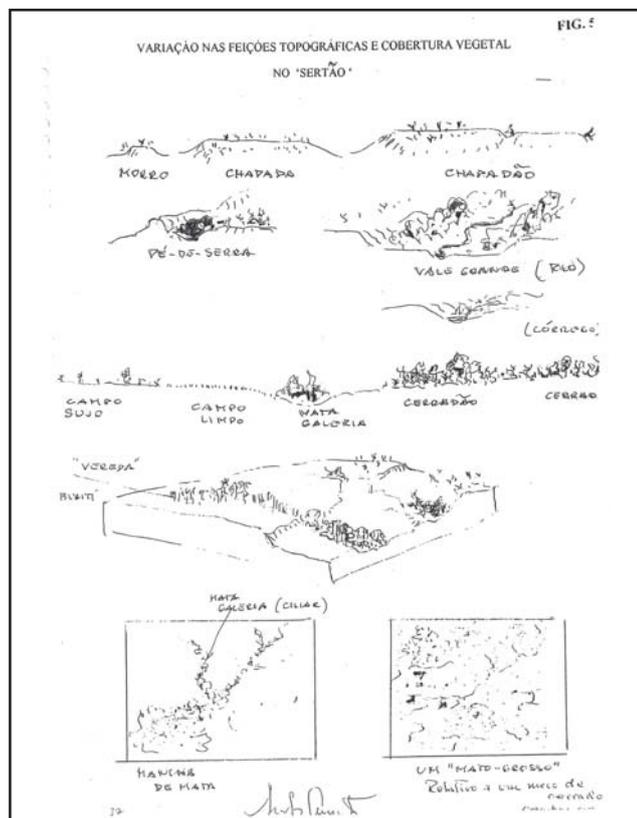
Propondo-me a conversar com vocês sobre a “travessia” do personagem roseano Miguel Cessim Cassio — de sua condição infantil de Miguilim, no Mutum, até sua condição de rapaz vacinador de bezerras, no Buriti Bom — tentarei apoiar-me no jogo do dualismo entre o exterior (Homem/Natureza) e o interior (pessoal/social) recorrendo a manifestação do próprio autor, explicitada na referida missiva ao tradutor italiano:

Mas no ferver do assunto, estou-me alongando demais, sem precisão e Você já tem trabalho demais com o diabo do livro que, como Você vê, também foi um pouco febrilmente tentado arrancar de dois caos: um externo, o sertão primitivo e mágico: o outro, eu, o seu Guimarães Rosa que abraça Você, grata e afetuosamente. (Op.cit., p.55)

Na página inicial do “Grande Sertão: Veredas” Guimarães Rosa realiza, em pinceladas magistrais, a caracterização geral do Grande Sertão, clarificando, sobretudo, o fato de que ele é uma unidade na diversidade. No mosaico romanesco que é o “Corpo de Baile”, reforça este caráter. Em meio a predominância morfológica de chapadões, chapadas e morros, segundo a progressão dos processos erosivos no pacote sedimentar, entercalam-se vales em diferentes graus hierárquicos, desde os grandes — como o Urucuia, Paracatú e Abaeté — passando pelos córregos, riachos, até as pequenas linhas de drenagem das águas pluviais. A cobertura vegetal associa-se à topografia regional. À morfologia

tabuliforme, fragmentada, associa-se o revestimento predominante que é aquela genericamente designada como os gerais. Entenda-se por isto toda uma gama variada que, em ordem crescente, vai dos campos limpos, campos sujos e cerrados, variando estes em densidade, porte arbóreo e composição floro-faunística associada, segundo os ápodos diminutivos ou superlativos: cerradinho, cerrado, cerradão. Pelas depressões dos cursos d’água e beiradas das formas tabulares, penetram formações de matas, muito variadas, ora lineares, em “galerias” acompanhando os cursos d’água, ora em manchas de maior significado, até atingir áreas mais vultosas a que designam como “mato-grosso/s”. Sobre as chapadas e nos vales mais amplos as matas complementares exibem feições variadas. Por vezes assumem a complexidade de matas em galerias bem contrastantes. Outras vezes, segundo as condições locais de permeabilidade dos solos e escoamento superficial das águas, avulta a predominância de palmeiras, notadamente o “buriti”, formando as “veredas” que, em contraste com os campos, revestem a paisagem sertaneja de grande beleza. Segundo a progressão erosiva e a remoção do pacote sedimentar, podem aflorar rochas subjacentes do calcário ou, mesmo, do substrato cristalino, ocasionando acidentes orográficos, sobre cujas vertentes mais úmidas se instalam matas, ocasionando os “pés-de-serra”. Na Figura 5 procurei esquematizar estas feições básicas na constituição das paisagens sertanejas.

Figura 1



Na atrás mencionada Figura 1 o quadro pretende demonstrar que as sete estórias que compõem o mosaico romanesco, em meio a predominância de sítios relacionadas a típicos “gerais”(4), parte deles (3) exibem feições interfaciais. Dentre as primeiras, o Pinhem da “Estória de Lélío e Lina” e o tabuleiro entre o Andrequicé e o povoado do Aõ, da novela Dão-lalalão são típicas paisagens geralistas. Embora intimamente associadas a este complexo o Mutum do “Campo Geral”, e o sítio do Buriti Bom, na novela “Buriti”, apresentam adições relevantes. No primeiro, a ocorrência de matas e a geração de um clima local mais úmido e chuvoso, geram uma condição típica de “pé-de-serra”; e, no segundo a ampla baixada do vale do Abaeté propiciou ampliação da condição de “vereda”, ocasionando grandes “charcos” e “buritizais”. Enquanto estas quatro estórias - os “romances”- são legitimamente geralistas, as outras três - os “contos”- são interfaciais. O roteiro percorrido em “O Recado do Morro” tem a ver com a paisagem calcária de grutas, lapinhas e urubuquaras; “A Samarra de Uma Estória de Amor” tem a ver com uma vereda ampliada em “baixão”, entre o rio e a Serra dos Gerais; o Urubuquaquá, do “Cara de Bronze” relaciona-se a um “mato-grosso” transmutado em pastagem.

Todo este vasto conjunto interiorizado, longe de pancada do mar, tem uma ocupação humana escassa, desprovida de cidades importantes. As condições naturais induziram a uma vocação rural, onde a predominância dos campos gerais propiciou a prática da

pecuária, com gadame pouco raceado, sobressaindo-se neste aspecto aquela entrada, no princípio do século XX, via Triângulo Mineiro, do “zebu” trazido da Índia. Criatório feito “a solta” os rebanhos são conduzidos por experimentados vaqueiros, adestrados a um gênero de vida rude no qual, o esforço físico, aliado a credices de uma cultura rudimentar, em processo de fazimento, vem subsistindo num tempo em atraso. A prática da lavoura, intimamente associada à presença de matas, pratica-se em pontos e manchas descontínuos, ora em pequenas roças de subsistência, ora ampliando-se em alguns cultivos como aqueles de milho, cana e arroz, cujo excedente é comercializado regionalmente. A povoação dispersa-se em fazendas, de portes variados, ora antigas, bem assentadas e com alguma tradição; outras vezes mais simples, na categoria primitiva de “currais-de-gado”, espalhadas por chapadões, pés-de-serras, abas de tabuleiros. Os aglomerados urbanos significativos “correm por fora”, ao longo do rio São Francisco, da banda do leste e aquelas mais interiores, da banda do oeste como o Paracatu-do-Príncipe, Patos e outras. Mais remota ainda são aquelas do Espinhaço a leste e do Triângulo, a oeste.

Uma varredura mais atenta e penetrante nas sete novelas do Corpo de Baile permite-nos detectar a estrutura social vigente, arrolando, pelos personagens, sua posição hierárquica. Procurei montar num quadro (Figura 6) uma estruturação que seria a seguinte:

**Figura 6 - ESTRUTURA SOCIAL (RURAL) DO GRANDE SERTÃO
(Inferida da Literatura do CORPO DE BAILE DE GUIMARÃES ROSA)**

NÍVEIS HIERÁRQUICOS	CATEGORIAS	EXEMPLOS (PERSONAGENS)
PODER POLÍTICO	DEPUTADOS CHEFES POLÍTICOS	
SENHORES	FAZENDEIROS	Nhô Liodoro Cara-de-Bronze Frederico Freyre Seo Senclér
INTERFACES	ADMINISTRADORES	Manuelzão
MASSA TRABALHADORA	SITIANTES	Seo Aristeu
MARGINAIS	PARCEIROS	Nhô Berno Cás
	VAQUEIROS	
	ENXADEIROS	
	PESSOAL DE CASA	
	MULHERES-DAMAS	“Tias”
	“NÃO REFLEXIVOS”	Nominidômine
	CATRUMANOS	

C.A.F. MONTEIRO, 2000

No topo da escala social identificamos os fazendeiros maiores, tais como Nhô Liodoro, do Buriti Bom, antigo na região e com uma bela fazenda de gado e lavouras. Também aquele misterioso Cara-de-Bronze, forasteiro vindo do Buriti-de-Inácia Vaz, no longínquo Maranhão. Seguem-se, em patamar mais baixo, fazendeiros com menos sorte, declinando financeiramente por obra e graça do despreço em que caiu o gado zebu, na criação do qual se aventuraram, como é o caso de Seo Senclé, da Fazenda do Pinhém que, perdendo sucessivamente crescentes boiadas para os credores, acaba perdendo, por completo, a própria fazenda, retirando-se, abatido, para a cidade. Entre o estado de fazendeiro e vaqueiro encontra-se aquela categoria intermediária, meio nebulosa, como aquela do Manuelzão, da Samarra. Em terras do ausente Frederico Freyre, ele é um daquela espécie de *administrador, quase sócio, meio capataz de vaqueiro, certo um empregado*. Mais abaixo há a variada categoria dos parceiros que, à meias ou terças, trabalham duro e sem muita perspectiva, endividados aos proprietários. É o caso típico de Nhô Berno Cás (Bernardo Cássio) pai de Miguilim, que luta para sustentar a família a duras penas. No seu dizer *era pobre, em ponto de virar miserável, pedidor de esmola, a casa não era dele, as terças ali não eram dele, o trabalho era demais, e só tinha prejuízo sempre, acabava não podendo nem tirar pra sustento de comida da família* (p.54). O tio Terez, que o ajudava, e Luizaltino, que veio substituir o tio, eram da mesma categoria. O grosso da população era aquela categoria dos vaqueiros e “enxadeiros”, sendo estes últimos aqueles que labutam na lavoura e que enfrentam dificuldades ainda maiores, desde que vivem subordinados aos proprietários com quem apenas partilham porcentagens ínfimas de bezerros nascidos e produtos colhidos. Abaixo destes há a categoria dos “catrumanos”, fração mais à margem, oscilando entre vários tipos de prestação de serviços. A beira das estradas ou nas vilas onde há *progresso de bordeis* há a benfazeja categoria das *mulheres-damas*. Talvez, cerrando fileiras, pudéssemos incluir aquela - diminuta em número mas significativa socialmente - parcela de seres “não reflexivos” como o Nominidômine, o Gorgulho e outros, tão bem registrados em “O Recado do Morro”. Aliás, outro mérito encontrado naquela novela central, está na própria composição da comitiva que segue seu Olquist. Ali juntaram-se pessoas cultas, de fora, como o cientista, e representantes das cidades e do interior do sertão. Segundo assinalou Vilhena de Araújo a viagem do grupo conduzido pelo generalista Pedro Orósio, representa a própria imagem da vida:

E a viagem - a vida - é apresentada aqui. como um movimento de inversão dos contrários. Sua imagem é, assim, essencialmente ambígua. Imagem do direito e do avesso, ao mesmo tempo. Imagem de um grupo de viajantes pelo direito (Pedro, Olquist, Sinfrão, Jujuca e Ivo) e pelo avesso (Guégué, Joãozezim, Norminedômine, Coletor e Laudclino): o corpo e o pensamento racional pelo direito; o corpo e o pensamento irracional, pelo avesso. (Op.cit.p.94)

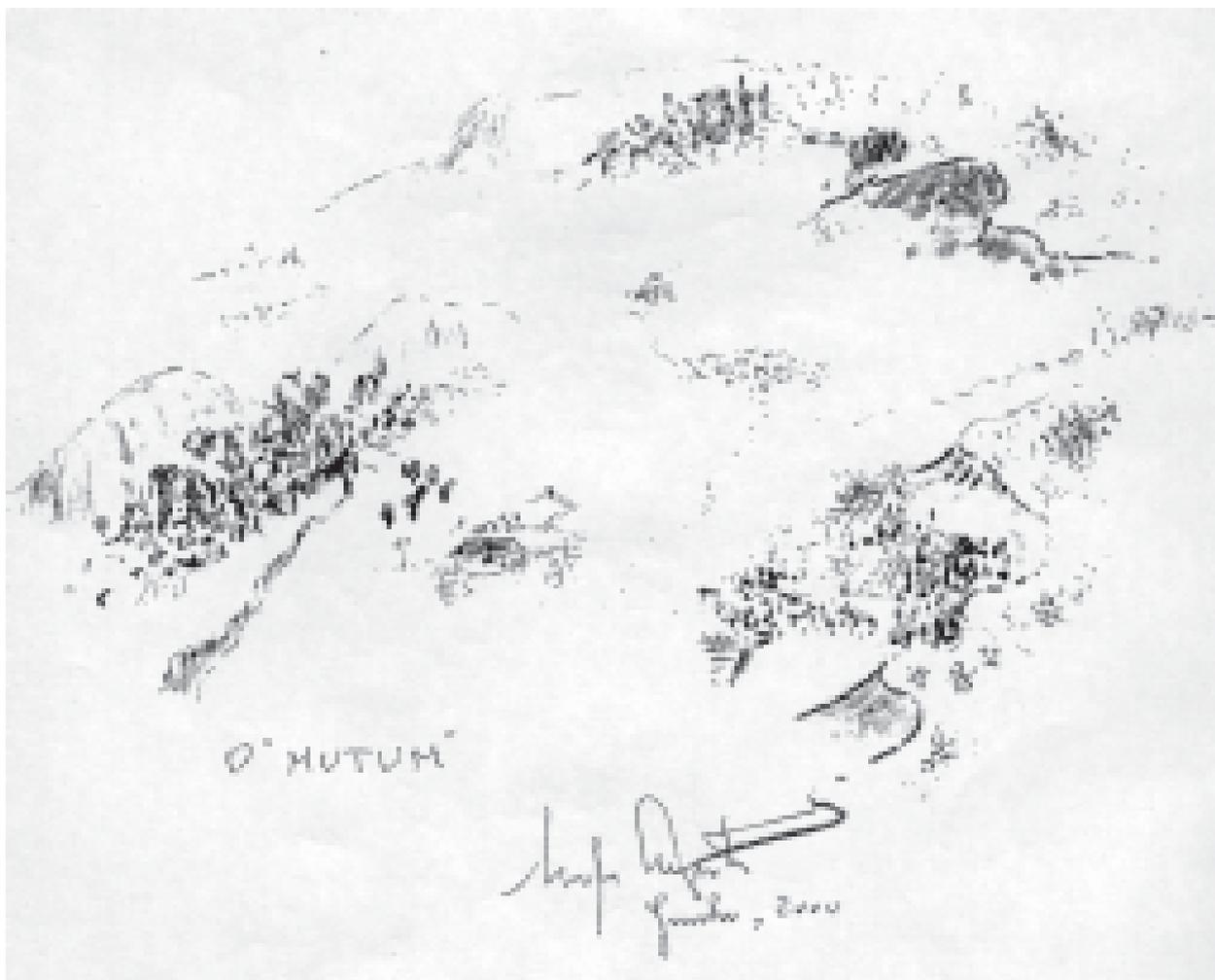
Não podemos esquecer, neste patamar mais inferior, alguns bandoleiros, assaltantes de estradas, como aquele “Boca-de-Bagre” que atuava pelos lados da Vereda do Terentém, na estória “Campo Geral” do Miguilim. O que possa faltar no “Corpo de Baile” para completar o quadro, poderá sê-lo apelando para a outra obra magna. No “Grande Sertão: Veredas” completamos o panorama social incluindo os chefes políticos, saída da categoria dos grandes fazendeiros que, por força de interesses pessoais, questões de terras, rivalidades de liderança, entram em lutas, por vezes guerras abertas, gerando a categoria complementar dos “jaguços”, recrutados entre os vaqueiros e degraus mais inferiores da escala social sertaneja. Este artifício parece vir ao encontro da justificativa da hipótese de que o “Grande Sertão: Veredas” tenha sido originalmente planejado como novela integrada no “Corpo de Baile”, com o possível rótulo de “Veredas Mortas”. Neste caso, além do número das novelas ultrapassar aquele simbólico “sete” dos planetas do universo ptolomaico, sua própria grandiosidade - como se comprovou cabalmente - justificaria sua individualidade.

Visto este panorama muito generalizante e introdutório, um simples pano de fundo à apreciação da travessia do personagem Miguel Cássio, cabe-nos, agora, penetrar num nível de maior intimidade, num alargamento escalar naqueles espaços vividos, natural e social, para poder avaliar o espaço interior do personagem transgressivo que ele é. É necessário penetrarmos nos lugares decisivos de sua vida de sertanejo, ou seja, inicialmente no Mutum, naquele pé-de-serra, como também na intimidade de sua família, ambiente gerador de sua personalidade na infância. Enquanto ele se afasta do sertão, para os seus estudos no Curvelo, seus irmãos são deslocados para o Pinhém, reaparecendo na “Estória de Lélío e Lina”, deixando-nos compreender o destino da família, no seio da qual, pelas evocações dos irmãos, Miguilim não é esquecido. Após aquele eclipse citadino, no Curvelo, onde passa a adolescência, Miguel reaparece, jovem vacinador de bezerros, irremediavelmente atraído pelo sertão, a procura de um

outro espaço, territorial e familiar, mais próspero que o inicial. Um possível casamento, aliando conveniência e atração, talvez o venha proveitosamente, vinculá-lo aos buritizais e pastos do Abaeté. Serão estas três partes, aquelas que conduzirão nossa palestra.

Sua condição de pé-de-serra propiciava, por efeito orográfico, a condensação do vapor em nuvens e maior pluviosidade. E a ideia dessa chuva recorrente é um importante vetor de revelação do espaço percebido pela criança, então com oito anos de idade:

figura 7 - Visão do Mutum



OSOL SOBRE O CHUVOSO MUTUM (O Infante Miguilim)

OMutum tem sua natureza de “enclave” esclarecida pelo autor logo no início da estória: *No meio dos Campos Gerais, mas num covão. Em trecho de matas, terra preta, pé-de-serra (p. 15).* Malgrado ser considerado um lugar triste, pela mãe de Miguilim — Nhãnina - *É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre (p. 15).* E a Miguilim prazia que o Mutum fosse um lugar bonito. E na sua viagem com o tio Terez, para sua crisma, no Sucruíú, ele encontrou alguém que assim o considerava. Na Figura 7 procurei representar minha visão pessoal do Mutum.

A chuva de certo vinha de toda parte, de em desde por lá, de todos os lugares que tinha. Os lugares eram o Pau-Rôxo, a fazenda grande dos Barboz, Paracatu, o lugar que não sabia para onde tinham levado a Cuca Pinguinho-de-Ouro, o Quartel-General-do-Abaeté. terra da mãe dele, o Buritis-do-Urucuia, terra do pai, e outros lugares mais que tinha: o Sucurijú. As fazendas e veredas por onde tinham passado. (p.37-38)

A condição mais úmida do clima local de pé-de-serra, se era benéfica para a lavoura, na mata, apresentava um demérito para a pecuária, como se pode registrar na referência ao fato de que o touro Rio Negro, do pai de Miguilim, estava cheio de bernes: *Por causa que aqui é mato, pé-de-serra, ali no meio dos Gerais não da - por ele punia o vaqueiro Saluz (p. 65-66).*

Ao longo do conto pode-se arrolar um rosário de lugares mencionados: a Vila Risonha de São Romão, onde morava o irmão da mãe, o tio Osmundo Cessim; a Vereda-do-Coecho, onde morava Seo Deogracias; o Tabuleiro Branco, o lugar onde tio Terez fora morar; cuidando das terras da viúva Cefisa, a mais de dez léguas do Mutum; a Veredinha-do-Tipã, onde morava seo Aristeu; o Passo-do-Perau, onde o vaqueiro Saluz caçava veados; a Vereda-do-Quísso, de onde viria Luisaltino; a Vereda-do-Bugre, onde vó Izidra fora servir de parteira; o Nhangã, outro afloramento rochoso, serrania, ao pé da qual, do outro lado, morava o menino Crivo, um outro pé-de-morro. O núcleo urbano de maior influência sobre aquele espaço sertanejo seria o muitas vezes mencionado Paracatu.

Na terceira novela do “Corpo de Baile”, a “Estória de Lélío e Una”, passada na fazenda do Pinhém, onde foram morar Drelina e Tomé, irmãos de Miguilim, por uma fala do vaqueiro Pernambuco, ficamos sabendo da distância entre os dois lugares:

O Fradiin contou que, no começo do mês que vem ele (Tomé) vai dar uma viagem. Vai até o Mutum, mato de Mutum, distância de dez dias para se ir e voltar. Vai para trazer uma irmã dele, mocinha. (p.284)

No conjunto dos Gerais o Mutum se enquadrava naquilo que o lamuriento Seo Deogracias *proclamava*: *Aqui nestas más brenhas, donde só se vê falta de tudo, nesta míngua, ninguém não olha pra este sertão dos pobres.* Bernardo Cássio - Nhô Berno Cás, pai de Miguilim era originário do Buritis-do-Urucuia. Viera dar ao Mutum após varias tentativas, mal sucedidas, de tirar sustento para sua família, iniciada com seu casamento com a bela Nhãnina, do Quartel-General-do-Abaeté e já com cinco filhos. Já desfiara um rosário de lugares anteriores. Miguilim, o terceiro filho, nascera no Pau-Roxo, á beira do Saririnhém. Agora, tentava a vida no pé-de-serra do Mutum. O Dito (Expedido Cessim Cássio) irmãozinho abaixo de Miguilim, mas muito mais esperto, explicava-lhe:

Pai é dono nenhum, Miguilim: o gadame é dum homem, Sô Sintra, só que pai trabalha ajustado, em tomar conta, em parte com o vaqueiro Saluz - Sei e sei, Dito “Eu sabia[...] Mas então é ruim, é ruim[...]” - Mas, mesmo também Pai não consegue de muito montar. ele não agüenta campeio. Pai padece de incandescência”. (p.71)

A situação do Pai era muito difícil e disto, ele próprio, se lamentava:

Não tinha posse nem para retelhar a casa velha, estragada por mão desses todos ventos e chuvas, nem recurso para mandar fazer uma boa cerca de réguas, era só cerca de achas e paus pontudos, perigosos para a criação. Que não podia arranjar um garrote com algum bom sangue casteado, era só contentar com o Rio Negro, touro do demônio, sem raça nenhuma quase. Em tanto, nem conseguia remediar com qualquer zebu ordinário, touro cancréje, que é gado bravo ruim leiteiro, de chifres grandes. mas sempre é zebu mesmo, cor queimada, parecendo com guzerate: “Zebu que veio no meio dos outros, mas não teve aceitação[...]” Dava vergonha no coração da gente, o que Pai assim falava. Que de pobre iam morrer de fome — não podia vender as filhas e os filhos[...] Pudesse crescesse um poucado mais, ele Miguilim queria ajudar, trabalhar também. Há muito em antes queria trabalhar, mais do que todos, e não morrer. como sabe que ia ser, e ninguém não sabia” (p. 54-55).

A natureza sensível da criança de oito anos, de frágil constituição, ante a atmosfera de tristeza, do lugar e da família, infundia-lhe um obstinado temor da morte.

Os percalços com o criatório, que atribulavam o Pai, naquela área, entre mato e mato, levavam-lhe a fazer suas moinhas de subsistência. Em meio da mata, com ajuda de parceiros (Tio Terez, Luisaltino) Nhô Berno abria suas lavouras. Quando Miguilim ia levar-lhe o de comer, via-se assaltado por medos e peças que lhe pregavam os endiabrados macacos. As descrições das roças constituem um primor:

A roça era um lugarzinho descansado bonito, cercado com uma cerquinha de varas [...] os bichos que estragavam. Mas muitas borboletas voavam. Afincada na cerca tinha uma caveira inteira de boi, os chifres grandes, branquela, por toda bôa-sorte. E, espetadas em outros paus da cerca, tinha outros chifres de boi, desparelhados, soltos - que ali ninguém não botava mau olhado! (p.67)

As agruras econômicas de Berno Cás, juntavam-se aquelas motivadas pela infidelidade compulsiva da mulher, a bela Nhãnina. Mergulhada na tristeza do Mutum, a bela mulher talvez já trouxesse o peso da ancestralidade, já que sua mãe - vó Benvinda - era mulher à toa que vivia na cidade. Vó Izidra era a tia, que fazia às vezes de sogra de Nho Berno, e de cuja vigilância e xingamentos, a bela sobrinha, sempre se escapava. Primeiro fora o tio Terez que, para evitar uma desgraça, se evadira para longe, para o Tabuleiro Branco, dez léguas distante. Quando do episódio do bilhete que o tio, escondido, pedira a Miguilim entregar à Mãe, o garoto, atormentado ante aquela possível traição ao Pai, não

tem coragem de entregar o bilhete. Aflito, pergunta a Mãe sobre o sentido de “malfeito”. A bela mulher dá ao filho uma cristalina resposta: “- Ah, meu filhinho, tudo o que a gente acha muito bom mesmo fazer, se gosta demais, então já pode saber que é malfeito.” (p.72).

No quadro familiar de Nhô Berno e Nhãnina, (Figura 8) Miguilim era o terceiro filho. Liodoro, o primogênito, vivia com o tio Osmundo Cessim na Vila Risonha de São Romão. Drelina (Maria Andreлина) era a segunda. Abaixo de Miguilim (Miguel) havia o Dito (Experdito José), a Chica (Maria Francisca) e Tomézinho (Tomé de Jesus), o caçula. Assim o personagem central da estória “Campo Geral” não tem a responsabilidade de filho mais velho nem recebe os mimos de caçula. Era, antes de tudo um menino frágil de consistência e aguda sensibilidade. Havia sido banhado em sangue quente de tatu, para revigorá-lo, segundo a crença sertaneja. De repente via-se engasgado com ossinho de galinha na goela.

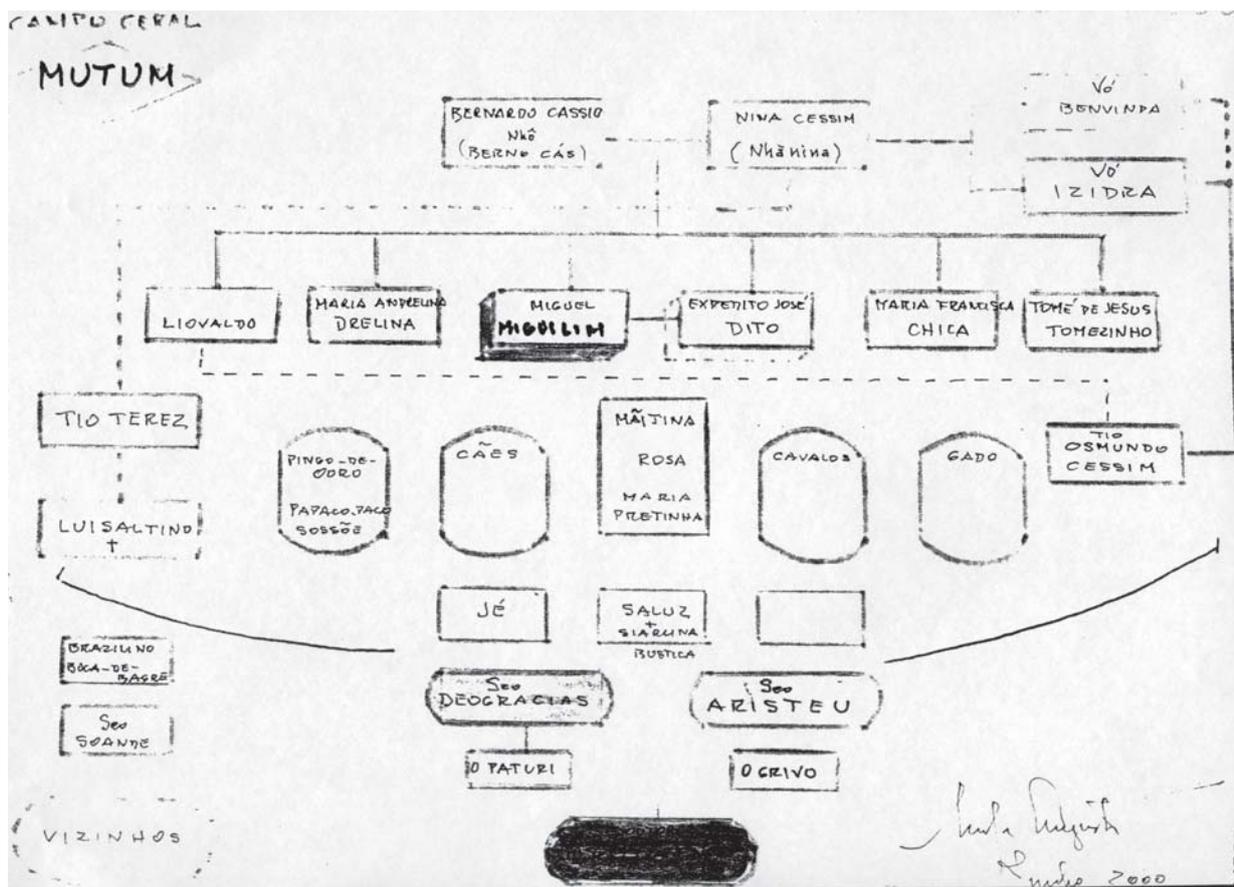
corajoso. Ia mexer nos ninhos de bem-te-vi. Não tinha medo de ser picado nos olhos.

Chamava Miguilim. Ele não ia. Achava-se inferior ao irmão. Indagava; “Dito, mesmo você acha, eu sou bobo de verdade?” É não, Miguilim, de jeito nenhum. Isso mesmo que não é! Você tem juízo por outros lados[...] “Quando quis aprender a dançar, sua irmã menor, a Chica, caçou dele”:

Você nasceu em dia-de-sexta com os pés no sábado: quando está alegre por dentro é que está triste por fora [...] A rosa é quem disse. Você tem pé de chocolateira. (p.65)

Miguilim era um reflexivo. ‘De um dia, Miguilim tinha encarecido o gosto de se esconder, de se afastar; às vezes, da companhia dos outros, conforme tanto de primeiro ele apreciava (p.56). Em sua idade (8 anos) era inocente de tudo. Admirava as irmãs, belas meninas e perguntava: “Drelina, quando eu crescer você casa

Figura 8 - Campo Geral



O Ditinho, irmão menor, era o centro da admiração e amor fraterno de Miguilim, uma espécie de seu alter ego. Miguilim o admirava muito, pois menor, muito mais menino, e sabia em adiantado os coisas, com uma certeza, descrecia de perguntar. Ditinho era

comigo? - Caso Miguilim, demais! - É a Chica casa com o Dito, pode?- Pode, decerto que pode” (p. 60).

O universo familiar de Miguilim, se amplia com a presença firme de Vó Izidra, que tudo supervisiona, a casa, as crianças, as mulheres do trabalho de casa e,

sobretudo, a sobrinha Nhãnina, em suas peripécias amorosas. A casa acolhe, e não pode ignorar, a presença das três mulheres do trabalho caseiro: Mãitina, preta-velha, repositório de africanismos de nossa cultura. Beberona, tomando seus pileques, fazendo suas feitiçarias - motivo maior da implicância de Vó Izidra -, fazedeira de mezinhas, com sua fala atrapalhada, estropiando as orações católicas mescladas à linguagem e aos cultos africanos. Segue-se a Rosa, mais equilibrada, mais querida pelo papagaio Papaco-Paco, o maior esteio às tarefas de casa. Mais moça, a Maria Pretinha, aquela do “rabo-quente”, que vivia de abraços e acabou fugindo com o vaqueiro Jé, para voltarem ambos, e serem perdoados, quando da morte do Dito.

Os vaqueiros eram peças importantes na vida familiar daqueles ermos do Mutum, pois ajudavam nas labutas de Nhô Berno com o pouco gadame, no pastoreio e, sobretudo, na cura das rezes. O já mencionado Jé é, mais importante, o Saluz, com sua mulher Siarlina e o filhinho, o Bustica. Saluz iniciava Miguilim no trato dos animais e Siarlina era grande contadeira de estórias.

Como universo infantil o quadro de afeições não pode ignorar os animais domésticos. Havia os cães, dentre os quais Miguilim sofrera a grande perda da cadelinha Cuca ou Pingo-de-Ouro que o Pai, para atormentá-lo, dera a uns tropeiros que passaram pelo Mutum. O gato Sossonho (Quóquo ou Reibel) que vivia dormitando pelos cantos da casa ou brincando com Tomézinho. A cachorrada a serviço do pastoreio era liderada pelo Gigão, ao qual juntavam-se aqueles a quem Nhô Berno pusera nome de seus inimigos: Zé Rocha (Zerró) e Julinho da Tulha (Julim). A matilha era acrescida com Caráter, Catita, Soprado, Floresto e a perdigueiro Rio Belo. O touro Rio Negro chefiava um pequeno gadame onde as vacas tinham nomes, além dos bezeros, distribuídos entre os filhos de Nhô Berno.

Para Miguilim, a convivência com os adultos era difícil. Sobretudo penosa era aquela com o Pai, a quem admirava, mas de quem não obtinha carinho. Ora o Pai censurava-lhe por sentir medo do gado e disso dar demonstração, coisa percebida pelos animais. Quando, porém, um dia, para dar demonstração de que havia afastado o medo, meteu-se no meio de uma boiada descida dos Gerais, foi aquele escarcéu, do Pai e dos vaqueiros. Entenda-se gente grande! Dos seus companheiros de infância, fora da família, Miguilim recebia fluxos negativos e positivos. Dos primeiros, havia aquele menino maligno, o Magela, vulgo Patori, filho de Seo Deogracias, que sabia “safadezas” que ele, de início, estranhava e repelia, mas depois, se via pensando e atraído por elas, alvoresceres da sexualidade do infante:

E Miguilim de repente viu que estava recordando aquelas conversas do Patori. gostando delas, auxiliando mesmo de se lembrar. A coisa do boi se chamava verga. A do cavalo chamava *provincia*, pendurada, enorme. semelhando um cacho de bananeira. sem o mangará. Tinha até vontade que o Paturi voltasse, viesse, havia de conversar a bem com ele, perguntar mais desordens. O garrote tourava as vacas, depois nasciam os bezerrinhos. O patorí falava que podia ensinar muitas coisas, que homem fazia com mulher, de tão feio tudo era bonito. Só assim em se pensar, mesmo já esquentava, bom, descansava (p. 59).

Pelo lado positivo havia o Grivo, um menino que, um certo dia, viera à sua casa para se esconder da chuva:

Esse menino o Grivo era pouquinho maior que Miguilim, e meio estranhado, porque era pobre, muito pobre, quase que nem não tinha roupa, de tão remendada que estava. Ele não tinha pai, morava sozinho com a mãe, lá muito para trás do Nhagã, no outro pé do morro, a única coisa que era deles, por empréstimo, era um coqueiro buriti e um olho-d'água. Diziam que eles pediam até esmola. Mas o Grivo não era pidão. Mãe dava a ele um pouco de comer, ele aceitava. Ia de passagem, carregando um saco com cascas de árvores, encomendadas para vender. - Você não tem medo? O Patori matou algum outro, anda solto doido, por aí [...] - Miguilim perguntava. O Grivo contava uma história comprida, diferente de todas, a gente ficava logo gostando daquele menino das palavras sozinhas. (p.85-86)

Essa capacidade do Grivo de contar estórias, com suas palavras “sozinhas” é que o credenciarão, bem mais tarde, quando já rapaz vaqueiro, reaparece na novela “Cara-de-Bronze”. Ali ele será escolhido, pelo fazendeiro doente, como mensageiro de uma secreta e longinqua viagem até o “Buriti-de-Inácia Vaz”, no Maranhão. Pela sua capacidade em narrar e sua sensibilidade de captação da beleza das coisas, ele será o “mensageiro da poesia”.

O Patori, ao contrário do Grivo, sofreu a pena de um destino funesto, levando-o a assassinar um jovem companheiro, a evadir-se, ser perseguido e, finalmente, ser encontrado morto nas brenhas do cerrado. *Parece que morreu mesmo de fome, tornado vagando por aquelas chapadas.* (p.90) O irmão mais velho de Miguilim, Liovaldo, que morava com o tio Osmundo, também lhe falava “safadezas”. Uma vez maltratou o Grivo, o que levou Miguilim a encher-se de raiva e defender o garoto das estórias.

Difícil de entender era, mesmo, o Pai. Personalidade complexa, torturado pelos ciúmes que sentia da esposa e assoberbado de problemas financeiros, sua relação com

os filhos era estranha. Especialmente com Miguilim, que, em relação a ele, oscilava em lampejos ora de piedade e amor, ora de revolta e ódio. Quando do fiasco da perda do almoço para os macacos o pai, em vez de puni-lo, deu boas risadas: “*Miguilim, você é minhas vergonhas*” (p.83) Isto levava o menino a pensar que talvez o Pai gostasse dele. Por outro lado, havia todo um rol de malfeitos que o Pai lhe infringia, o que o deixava em dúvidas. Além de haver dado a cadelinha Pingo-de-Ouro aos tropeiros de passagem, num certo dia em que Miguilim caiu de uma árvore e rasgou a calça Pai mandou costurar a roupa, mas, de propósito, o deixou nu. O menino sentiu raiva de ódio de Pai, não fosse pecado (p.53). Às vezes Nho Berno o mandava sozinho, a cavalo, ir até a Vereda do Bugre onde, na estrada, ele tinha que fugir de uns meninos malignos que jogavam pedras nele. Outras vezes, o pai tinha acessos de raiva e o batia. Num desses, de tão forte, Miguilim foi mandado passar três dias na casa do vaqueiro Saluz; até que se abrandasse a ira do Pai.

Já com a Mãe a atitude de Miguilim era de veneração. A ela associava tudo o que era belo. Um dia, ao ver um bando de vagalumes (mija-fogos), encantado, apela para a irmãzinha “*Chica, vai chamar Mãe, ela ver quanta beleza*” (p. 77). E quanto a sua tristeza associava-a a distância do mar: “*Pois, Mãe, então o mar é o que a gente tem saudade?*”. E continuava indagando:

Mãe, a gente então nunca vai poder ver o mar, nunca? Ela glosava que quem-sabe não iam não, sempre. por pobreza de longe. - A gente não vai, Miguilim - o Dito afirmou: - Acho que nunca! A gente é do sertão. (p.91)

Note-se, nesta fala do Dito, a ênfase posta na “interiorização” irremediável do Sertão, pelo uso de verbo *ser*, condição intrínseca, em vez da temporariedade de “estar”.

O seu querer bem à Mãe, dificultava, em Miguilim, associá-la algo de mau, de pecaminoso. Ao Ditinho, pelo contrário, não escapavam certos sinais da conduta da mãe: “*Vó Izidra está xingando Mãe quando elas estão sem mais ninguém por perto*” (p. 101). Quando do caso do bilhete que tio Terez pede a Miguilim para entregar a Mãe, ele “desconfia” de algo errado: “*Mas, não poderia entregar o bilhete à Mãe, nem passar palavra a ela, aquilo não podia, em pecado, era judiação com o Pai, nem não estava certo.*” (p. 68)

Após a partida de tio Terez, Pai associara-se a Luisaltino, vindo da Vereda do Quísso, para ajudá-lo, a meias, nas lidas da roça. E então a vida no Mutum tornou-se prazerosa:

[...] Dia de Domingo, cedinho, escuro, no morno das águas, Pai e Luisaltino iam lavar corpo no poço das pedras. menino-homem podia ir junto, carregavam pedaço de sabão de fruta de tingui, que Mãitina tinha cozinhado. Luisaltino cortara pau-de-pita: abraçado com o leve desse, e com as cabaças amarradas, não se afundava, todo mundo suspenso na água, se aprendendo a nadar. (p.89-90)

Quando o Pai vai até o Cocho em “visita de tristezas” pela morte do Patori, Nhãina leva os filhos a um passeio até os coqueiros. Mãe e Luisaltino vão conversando, na frente. Outra tempestade amorosa que se anuncia.

Miguilim e Dito eram muito unidos. Quando acontecia brigarem, como no caso em que, Ditinho espantando o touro Rio Negro, este machuca Miguilim, ele se enfurece contra o irmão menor, após o que fica moído de remorso. Até que advém o acidente em que o Ditinho pisou, sem ver, num caco de pote e cortou o pé. Todo o sofrimento do irmão pelo efeito do subsequente tétano é uma aguda provação para Miguilim. A belíssima e pungente narrativa de Guimarães Rosa, entre as páginas 97 e 110 - dos mais belos trechos narrados pelos pequenos contadores de histórias do “Grupo Miguilim” desta Cordisburgo - é extremamente reveladora da sensibilidade do infante Miguilim.

Mesmo durante o seu sofrimento Ditinho dá ao irmão maior suas lições, dentre as quais aquela:

Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: e é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo . A gente deve de ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro [...]. (p. 104)

Com a morte do Dito, as coisas pioraram para Miguilim:

Daí por diante não deixavam o Miguilim parar quieto. Tinha de ir debulhar milho no paiol, capinar canteiro de horta, buscar cavalo no pasto, tirar cisco nas grades de madeira do rego. Mas Miguilim queria trabalhar mesmo. O que ele tinha pensado agora, era que devia copiar de ser como o Dito (p. 111).

Miguilim era perseguido pela idéia de morte. No início da história, chegou a prever um dia certo em eu devia morrer. *Agora era o dia derradeiro. Hoje ele devia de morrer ou não morrer* (p.69). Adiante ele é fortemente atacado pela malária, quando padeceu muito e, no decorrer da doença, deu-se à tragédia:

Mãe[...] Mãe! Mãe! Que matinada era aquela? Por que todos estavam assim gritando, chorando? - Miguilim, Miguilim, meu Deus, tem pena de nós! Pai matou o Luisaltino (p. 129).

E, mais adiante, é Vó Izidra quem anuncia:

Escuta, Miguilim, sem assustar: seu Pai também está morto. Ele perdeu a cabeça depois do que fez. foi achado morto no meio do cerrado; enforcou-se com um cipó, ficou pendurado numa moita grande de miroró [...] (p. 130).

E o pobre Miguilim, na pureza de seus oito anos indaga:

Mãe, Pai já enterraram? - Já, meu filho. De lá mesmo foi levado para o Terentém [...] - E todos estão ai, Tomezinho, Drelina, a Chica. Estão Mãe, todos gostando de todos - E eu posso ficar doente, quieto, ninguém bole? (p. 130).

Naquele momento confuso era importante para a criança que todos estivessem em paz, se gostando uns dos outros. O conflito entre o bem e o mal sempre o afligia. Aquela fatal dualidade. Ao ser-lhe contada a sorte do Patorí, e explicado que o Demônio se apossara do seu corpo, ele indague, prontamente, se Deus também se apossava do corpo das pessoas.

Dentre os personagens adultos que visitavam o Mutum havia dois exemplos, contrastantes, dessa fatal dualidade. De um lado vinha aquele fluxo sombrio, triste, pessimista, trazido por Seo Deogracias - infeliz pai de Magela, o Patorí. Por vezes ele vinha servir de intermediário de algum credor, cobrar de Nhô Berno contas que ele não estava em condição de pagar[...] “*Veio buscar o dinheiro, para um homem da cidade. Mas Pai falou que ainda não estava em ponto de pagar[...]*” (sabia o Dito, de *escutação*) (p.44). Outras vezes vinha pedir emprestado um pouco de sal, ou algum dinheirinho[...] As vezes mobilizava superstições e credices populares como aquele conselho para *cortar aquela árvore de pe-de-flôr, de detrás da casa. Se não cortasse ela crescia solerte, de repente uma noite despavava mais alia do que o telhado, então alguém da família tinha de morrer, então era que ele morria.* Vaticínio que aumentava o temor da morte, na criança.

Após a perda do filho, Seo Deogracias tornara-se ainda mais amargo, pessimista:

Veza em quando seo Deogracias aparecia lá na casa. Ficava dc cócoras, queria conversar com o Pai, e dava pena. de tão destruído arruinado que estava [...] Pois é seo Nho Berno,

isto aqui vai acabar, vai acabar[...] Não tem recursos, não tem proteção do alto, é só trabalho e doenças, ruindades, ignorâncias[...] é o mundo por se acabar[...]. (p. 113)

A esta figura sombria contrapunha-se aquela oposta, luminosa, radiante, representada por seo Aristeu, sitiante na Veredinha do Tipã, que cultivava abelhas e sobre o qual o próprio Guimarães Rosa aponta como um símbolo solar, o que é enriquecido pela análise de Vilhena de Araújo. A apresentação do personagem na novela é, também ela, brilhante:

Seu Aristeu entrava, alto, alegre, falando alto: era um homem grande, desusado de bonito, mesmo sendo roceiro assim: e doido, mesmo. Se rindo com todos, fazendo engraçadas vênias de dansador (p.62).

Aristeu dissipava a hipocondria do menino Miguilim com gracejos, como neste diálogo:

Se não esconder bem a pombinha do menino, pombinha voa às alçadas [...] Miguilim - bom de tudo é que tú tá: levanta, ligeiro e são, Miguilim [...] - Eu ainda posso ser que vou morrer, seo Aristeu[...] - Só daqui a uns setenta anos! Sucede como eu, que também já morri: morri sim, mas acho que foi de morte de ida-e-volta [...] Te levanta e pula, Miguilim, levanta já! (p.63-64)

Quando Seo Aristeu reaparecia, para marcar uma caçada de uma certa anta [...] Miguilim desejava tudo de sair com ele para passear - perto dele a gente sentia vontade de escutar as Lindas estórias [...]

Quando Miguilim supera a crise da malária e após a tragédia de Nhô Berno, seu Aristeu reaparece dando conselhos ao menino, que o fazem notar a coincidência com a derradeira lição que o Ditinho, moribundo, lhe havia dado:

Seo Aristeu, quando deu de ir, trazia um favo grande de mel de oropa, enrolado, nas folhas verdes. - Miguilim você sara! Sara que já estão longe as chuvas janeiras e fevereiras [...] Miguilim, você carece de ficar alegre. Tristeza é agouria [...] - Foi o Dito quem ensinou isso ao Senhor, seo Aristeu? - Foi o sol, mais as abelhinhas, mais minha riqueza enorme que ainda não tenho, Miguilim. Escuta como você vai sara sempre.

E após cantar-lhe uma copla de oito versos, seo Aristeu arremata com esta quadrinha que é a quintessência do otimismo, capaz de levantar qualquer auto-estima:

Ô ninho de Passarim
Ovinho de passarinhar:
Se eu não gostar de mim
Quem é mais que vai gostar?

Após a tragédia ocorrida no Mutum, tio Terez, que andava por longe *levantando gado nos Gerais da Bahia* (p.106), retorna e, ao que tudo indica, vai assumir as rédeas da família. Vó Izidra, ante a impotência de controlar a sobrinha, vai-se embora.

Passado algum tempo, deu-se à passagem do Doutor José Lourenço, do Curvelo, vindo para uma caçada na Vereda do Tipã e que, ao conhecer Miguilim, descobre sua forte miopia. Quando o doutor apõe-lhe os óculos em sua pequena face é todo um mundo novo que se lhe revela em pormenores nunca suspeitados. Grãos de areia, formiguinhas trabalhando, traços fisionômicos mais claros nas pessoas que o cercavam [...]. Rompe-se aquela neblina de tristeza em que a criança estava mergulhada. Sua Mãe entende que a oferta do doutor em levar o garoto para o Curvelo, colocar-lhe os necessários óculos e propiciar-lhe estudos, é uma verdadeira redenção. E, embora com o coração apertado e com sua alma que *até o fundo, se esfriava* (p.134), Miguilim tem a coragem e o discernimento de acompanhar o doutor e seguir o seu próprio destino.

Neste sentido a estória do “Campo Geral”, centrada no personagem do infante Miguilim, malgrado o nublado triste do Mutum, não deixa de ser plenamente “solar”, no sentido de “alvorecer” de uma vida que, embora desabrochando entre sombrios presságios de doenças, mortes - em meio a uma sangrenta tragédia familiar - como é o próprio da vida, onde direito e avesso sempre se mesclam - não deixa de ser uma “alvorada”, plena de esperança.

Quando da visita do tio Osmundo Cessim, durante a qual Miguilim luta com o irmão Liovaldo, em defesa do Grivo, o tio, para arrefecer os ânimos, oferece uma moeda a Miguilim. Ante a recusa ativa do menino em receber o presente, o tio diz ao cunhado:

Seo Bero, seu filho tem coisa de fogo. Este um não vai envergonhar não [...] Mãe olhou, feliz. Pai escutou e o que disse, não disse nada (p. 125).

Em meio ao turbilhão de conflitos entre as pessoas grandes da família, Miguilim, em sua inocência e ignorância, já apresentava vislumbre de “maturidade”.

Mas agora Miguilini queria merecer paz dos passados, se rir seco sem razão. Ele bebia um golinho de velhice. (p.75).

Mas, agora, esta decisão fora um grande “gole”. E ele segue o bondoso Doutor José Lourenço ao Curvelo para uma nova etapa em sua travessia pelo Sertão e pela Vida.

UM INTERVALO MARCIANO NO PINHÉM

(O Eclipse de Miguilim no Curvelo e o Foco sobre seus irmãos)

A narrativa de Riobaldo no “Grande Sertão: Vereda” insiste sempre em que *Viver é muito Perigoso*. Outro grande poeta brasileiro, Gonçalves Dias, enfatiza em suas sagas indigenistas que *Viver é Lutar*. Vilhena de Araújo aponta o fato de que a terceira estória do “Corpo de Baile” - a “Estória de Lélío e Lina -” é regida pelo signo de Marte, desde que é dominada *por uma atmosfera surda de discórdia*. E aponta:

Visto que o mundo do Pinhém funciona por *guerra*, o combate e o desencontro seguem, como um pano de fundo, todo o desenrolar do conto. Já no principio a formiguinha que dá uma “ferroada” em Lélío, quando este acabava de chegar ao Pinhém, é uma “coisica raivosa” e ele próprio é “alvo de um brinquedo bruto”, por parte dos outros vaqueiros. A fazenda do Pinhém é, além disso, lugar de aves de rapina: “Lélío nunca tinha visto tantos gaviões, dos grandes, que vinham no céu e gritavam” (VILHENA DE ARAÚJO, 1992, p. 72).

Esta animosidade entre os personagens, entretanto, contrasta com a doçura daquela terra dos Gerais. Diferentemente do Mutum: [...] “Ali no Ribeirão do Pinhém, e no São Bento. era a felicidade de terrão e relva, em ilha farta — capães de cultura alternando com pastagens de chão fosfado, calcáreo, salitrado — quase tão rica quanto à do Urubuquaquá e do Peixe-Manso” (p. 251).

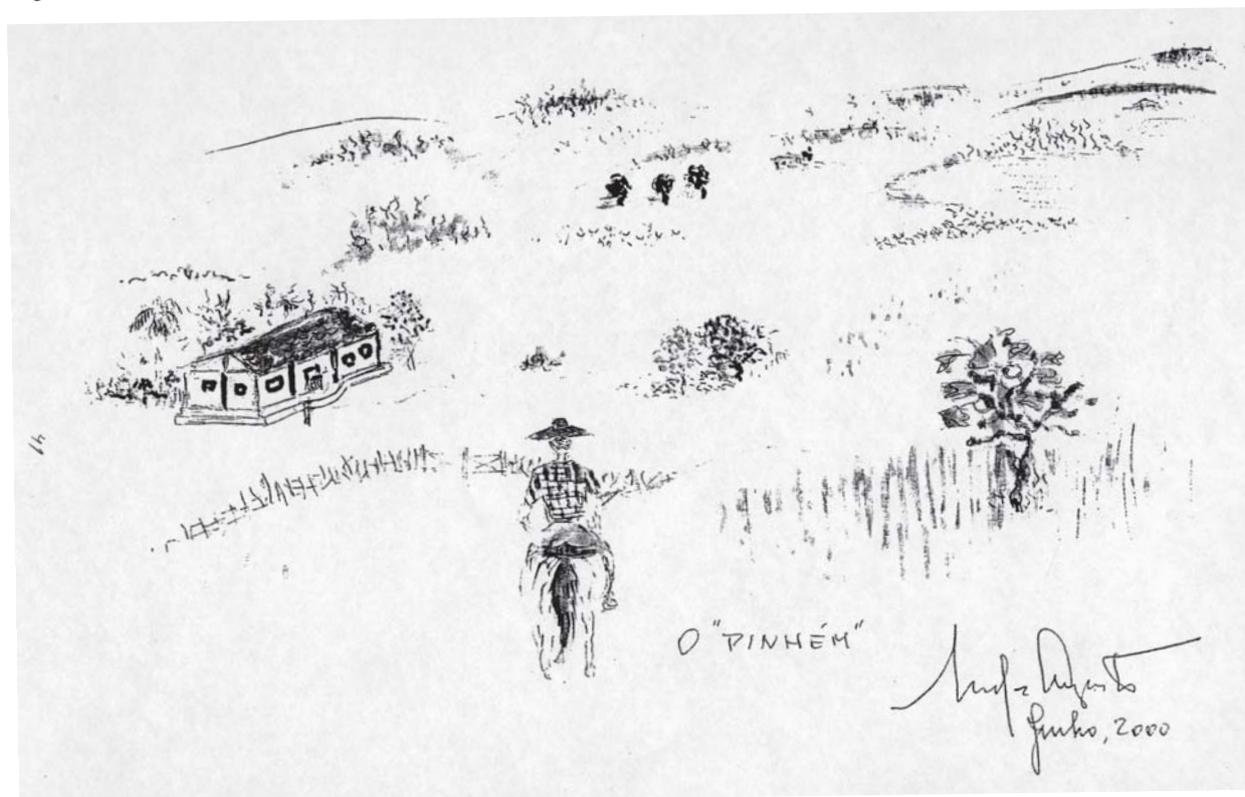
E mais:

Terra do Pinhém, é que era um braço do mundo. Capim gostava leite e boi brotavam do chão [...]. Ali o Sertão dos Gerais nem dava bicheiras nem bernes: o couro saía de primeira qualidade (p.264).

Um dos personagens centrais da estória, o jovem vaqueiro Lélío de Sás, filho de Higinio de Sás, aquele que *assentou nome de vaqueiro-mestre, por todo esse risco de sertão do rio Urucaia*, vinha da Tromba-d’Anta para aquele meio dos Gerais e foi aceito para trabalhar como

vaqueiro, na fazenda de Seo Senclér, ali no Pinhém. Na Figura 9, a minha visão pessoal da sua paisagem.

Figura 9 - O Pinhém



A novela apresenta um quadro perfeito da condição dos vaqueiros generalistas, suas aspirações e anseios, os perigos por que passam, seus amores e, sobretudo, seus conflitos. Em meio aos bois bravios, há mulheres doces e amigas, como as “tias” (Conceição e Tomázia) - sacerdotizas do amor, a suavizar nos homens as agruras de sua rude labuta. Mas há também as donzelas, insatisfeitas, a disputar. E também aquelas de sexualidade exacerbada e ambiciosa, como a mulata Jini, amásia do vaqueiro Tomé Cássio - o já rapaz irmão caçula de Miguilim -. O vaqueiro Lélío entrará em conflito com Tomé, por causa da insaciável Jini, e com o vaqueiro Canuto, em defesa e proteção da moça Mariinha.

Malgrado as condições naturais tão favoráveis o proprietário da fazenda, Seo Senclér, enfrentava sérios problemas. A região atravessava uma séria crise:

[...] Dos apertos em que o Seo Senclér últimamente navegava, por via do desprêço em que estava caindo o gado puro zebu: no arranço da alta, ele tinha venturado de comprar touros e bezerros da Uberaba, por um custo fora de juízo. Toleima, baldear reprodutores de marca para ali, por aqueles pastos selvajados, sem fechos quase, sem campo-feito. No durar da seca, o gado se espalhava, por demais, procurando, procurando, então muitos caíam de barranco

alto, por quererem comer o capim das bordas. E bastava um bote escondido de cobra, ou uma folhagem de treme-

treme pastada em encôsto úmida de mato, e estava a rês morta, perda de mais de cem, duzentos contos-de-reis. Pior, mas, era agora: zebu assim, desvalendo, seo Senclér se arrancava o pêlo, fio a fio, vivia atrás de dáfida e demoratório - ajuda do Governo - e acompridava seu desânimo (p.263-264).

Neste contexto, vieram ter à Fazenda do Pinhém - sem que se saiba as causas, nem como se produziu o traslado, aqueles habitantes do pé-de-serra do Mutum para os Gerais do Urucuia - o irmão caçula de Míguilim, o Tomézinho, agora homem feito, trabalhando como vaqueiro, como também a irmã Drelina, casada com o vaqueiro Fradim. Em meio a comentários sobre o comportamento dos vaqueiros do Pinhém, solteiros e casados, sobre sua freqüentação às “tias”, foi apontado:

Que no Pinhém, de sério, sério, dos homens só o Aristó, Lidebrando e o Fradim - mas esse porque Drelina, mulher dele, era uma beleza - até era loura, com olhos azulados. Pena ser tão soberba, de cara amarrada no atual. E apaixonada pelo Fradim, vivia admirando o marido, louvando-o, mesmo na vista de seja lá quem fosse. Drelina era irmã de Tomé Cássio, mas fervia de zangada com esse; o Tomé tratava com ela, mas a casa dele nem ia. Via da

zanga era a mulata com quem Tomé estava morando - a Jini: uma das mais maravilhosas[...] (p. 275).

Aquele Tomezinho, garotinho, brincando com o gato Sossão no “Campo Geral” agora, nesta “Estória de Lélío e Lina” era descrito como sendo *grosso, de ursos ombros, era alourado, rijo claro* (p.278) o que nos leva a pensar que, entre uma estória e outra, teriam decorrido de dez a quinze anos. E, para completar o retrato dele:

Ao lado de Tomé Cássio, as coisas por perto tomavam peso de serem mais notadas, e a gente ia sentindo uma precisão de se ajuizar e medir, de pensar bem o avanço de cada palavra, antes de a pôr solta. Ele era seco e duro, mas no fundo — como uma pessoa regulada no meio de nem alegre nem triste, só cheia de destinos (p. 280).

Quando Tomé regressou de sua viagem ao Mutum, trazendo sua outra irmã, Maria Francisca (a Chica) esta faz o maior sucesso no Pinhém e é assim descrita:

[...] Era branca quase como leite, com os olhos azuis, uma beleza muito delicada, - Por mim - dizia sobre inocência o Placidino - nunca vi resumo de lindeza assim. Com todo o respeito, mas nem Dona Rute não é tão capaz formosa (p.330).

Dona Rute era a admirada e respeitada esposa de seo Senclér, mãe de dois garotos que estudavam no Curvelo. Logo Chica despertou paixões e disputa entre os vaqueiros solteiros. O Canuto e o Delmiro chegaram a ameaçar *altos de brigas*, mas o último acabou por vencer a parada casando-se com a bela Chica.

Enquanto os irmãos de Miguilim aparecem na “Estória de Lélío e Lina” como coadjuvantes, a temporada dele no Curvelo constitui-se num eclipse, Mas, durante uma festa no Pinhém, há uma significativa menção a ele:

Ao que, num momento repente, agora que o vira (Lélío) conversando animado com Manuela, a Drelina veio de lá, direta, falou com ele também, muito agradável — ela nem era antipática, como de longe às vezes parecia. Perguntou se Lélío tinha estado no Curvelo, se conhecera um irmão dela que se chamava Miguel Cessirn Cássio, atendendo pelo apelativo de Miguilim, e que lá direitinho trabalhava e ia nos estudos. Lélío, em coração, sentia não conhecer esse irmão de Tomé e Drelina, para poder responder que sim, com afeto (p.339).

Guimarães Rosa tem sua obra fundamental consagrada ao Sertão. Apenas em “Primeiras Estórias”

ele se aproxima do urbano, mesmo assim, negaceando, “correndo por fora”, com receio de comprometer-se naquele universo tão diverso do sertanejo. A primeira daquelas estórias - “As Margens da Alegria” - focalizando a visita de uma família à Brasília, em construção, o fato marcante que ficou na memória do garoto - centro da narrativa - foi aquela de um prosaico peru num quintal.

Retomando à trajetória de Miguilim no Curvelo, ficamos sem saber qual a participação - direta ou indireta - do Doutor José Lourenço na educação de Miguilim. Temos que imaginar nosso herói de óculos, corrigindo sua miopia, trabalhando direitinho (em que?). Que estudo teria feito? É de supor-se que ele tenha feito algum curso de zootecnia já que o veremos reaparecer no conto “Buriti” como vacinador de bezerros. Embora podendo causar nos fazendeiros do Abaeté a impressão de “pessoa estudada”, de um “doutor”, não se terá certeza se ele estudou veterinária, em curso superior.

Contudo, se a presença física de Miguilim não se concretiza na estória passada no Pinhém ele pode ser pressentido na pele do personagem Lélío, segundo revelação do próprio autor em sua citada correspondência com o tradutor Bizzarri. A propósito de considerações sobre o simbólico” naqueles contos e da observação do crítico Pulo Ronai segundo o qual *A linha simbólica é predominante nos “contos”, onde o enredo, propriamente dito, serve antes de acompanhamento*, diz o autor ao tradutor:

[...] Os contos folclóricos como encerrando verdades sob forma de parábolas ou símbolos, e realmente contendo uma ‘revelação’. O papel, quase sacerdotal, dos contadores de estórias. (Miguilim já era um deles[...] Dona Rosalina, também. Dona Rosalina, de certo modo, incorpora em si, ao mesmo tempo, os lados positivos de Miguilim e do Dito. Lélío é Miguilim - mas apenas sua parte sofredora e angustiada, aspirando ao equilíbrio superior: falta-lhe a pane criadora de Miguilim. Tudo isso, mais ou menos [...] (p.58-59)

Reforçando a idéia da unidade” do “Corpo de Baile”, vemos aí os personagens centrais da “Estória de Lélío e Lina” associados a aqueles do “Campo Geral”. Miguilim, ausente da trama no Pinhém, partilha do caráter tanto de Lélío quanto de Dona Rosalina. Ante as confusões emana, nada pelos mal sucedidos casos de amor em que se enredara com as moças, o vaqueiro Lélío vislumbra na velhinha — Dona Rosalina — a “bondade”. E fogem os dois:

[...] E vamos por aí, com chuva e sol, Meu-Mocinho, como se deve [...] O Formoz corria adiante, latindo sua alegria. Chapada e chapada, depois você ganha o chapadão, e vê largo [...] Lélío governava os horizontes. – [...] Mãe Lina [...] - Lina? - ela respondeu, toda ela sorria. Iam os Gerais - os campos altos. E se olharam, era como se estivessem se abraçando.

A este belíssimo e surpreendente fecho, Vilhena de Araújo acrescenta:

É o fim do conto é o fim da vida, pois “Lélío governava os horizontes”. Ele é quem, agora, já fora deles, governa o tempo e o mundo. Lélío e Lina dirigem-se para a morte. para o nada que é tudo. Ao deixar atrás as lei do tempo - Leis-do-mundo era o desencontro - Lélío e Lina podem, finalmente, se encontrar, como a “chuva e o sol: E se olharam, era como se estivessem se abraçando.

Deixemos o encontro “sol e chuva” e vejamos o que a “lua”, sobre o vale do Abaeté, prepara para o nosso Miguilim.

OLUAR SOBRE OS BURITÍS

(O Mergulho de Miguel no Brejão da Sensualidade, na Esperança de Criar um Gadão Enorme)

Após o eclipse no Curvelo, Miguilim reaparece, jovem vacinador de bezerros, na última das novelas do “Corpo de Baile” – “Buriti”. Esta vocação tem profundas raízes em sua infância no Mutum. Ali, Miguilim, mais o Ditinho, assistiam o vaqueiro Jé ao cuidar dos animais:

No curral, o vaqueiro Jé já tinha reunido todos os burros e cavalos, que estava tratando, o cavalinho pempa semelhava doente, sangrando na cia e desistido de sacudir os cabos . – Aprende Dito: pisadura que custa mais para sarar é no rim e na charneira [...] Miguilim gostava de esperar perto do cocho, perto deles – os cavalos que sopram quentes. (p.71)

Após viver na cidade do Curvelo, desabrochando na condição de mção, o Miguilim transmutado em Miguel, não esquece o fascínio pelo sertão e pelo gado. Lembra seus galopes com os vaqueiros pelo cerrado cheio de pássaros [...] E quando Saluz exalta a beleza da paisagem:

Miguilim, isto é o Gerais! Não é bom? - Mas o mais bonito que tem mesmo no mundo é boi: é não, Saluz? – É sim, Miguilim..(p.122)

Diante da situação aflitiva das finanças do Pai, ele comentava com Ditinho:

Dito, você gosta de Pai, de verdade? – Eu gosto de todos. Por isso é que eu quero não morrer e crescer, tomar conta do Mutum, *criar um gadão enorme*” (grifo meu). (p.95)

O Mutum já estava longe no tempo e no espaço. A terra do sertão era viva na sua lembrança embora as tristezas familiares o convidassem mais ao esquecimento. O Miguilim já é passado. Miguel terá que fazer sua opção. E ele a fará com determinação, após a visita que fizera, um ano atrás, à fazenda do Buriti Bom, no vale do Abaeté:

Depois de saudades e tempo, Miguel voltava àquele lugar, à fazenda do Buriti Bom, alheia, longe. Dos de lá, desde ano, nunca tivera notícia; agora, entanto, desejava que de coração o acolhessem. Receava. Era um estranho: continuava um estranho, tornara a ser um estranho? As menos pudessem recebe-lo com alegria, maior que a surpresa. Mas, para ele, aproximar-se dali estava sendo talvez trocar o repensado contracurso de uma dúvida, pelo azado desatainozinho que o destino quer. Achava. (p.625)

Quando de sua primeira visita, ao ser perguntado de onde era ele respondera:

[...] De lá saí muito menino - respondi. - E que mais? - É um lugar que nem sei se ainda existe, lá. Minha gente se mudou [...]. (p.630)

Antes de atingir a fazenda principal, Miguel pára o “jeep” em que viajava na vizinha fazenda da Grumixã, de Nhô Gualberto Gaspar, para uma vacinação. E o diálogo com aquele fazendeiro menor, que trabalhava “à terças” com o dono do Buriti Bom, era bastante proveitoso para informa-lo da situação reinante naquela casa-grande. Para Miguel, era muito importante aquele momento de decisão em sua vida, no qual oscilava entre um passado triste e um futuro que desejava venturoso.

Como a infância ou a velhice - tão pegadas a um país de medo, Miguel, sem o saber, sentia afastadas coisas, que se ocultavam de seu próprio pensamento. (p.625-626)

O senhor é do sertão? Dadonde? Parecia não crer. - Do alto dos Gerais. Dum mato, um sitiozinho da serra [...] Tenho jeito não? - Miguel se ria com desdém. (p.645)

Admirado com a habilidade do jovem vacinador, e os bons dotes adquiridos na cidade, Nhô Gualberto

elogiava o môço e acenava-lhe com vaticínios de felicidade:

O que é a instrução [...] O que é a cidade grande - Nhô Gualberto se pasmava. (p. 645)

- Lá no Buriti Bom tem duas môças, quer dizer, tem uma môça, muito linda [...] Ela é estudada. também[...] Disse, feito estivesse revelando um segredo. - O senhor vai conhecer, ela é a filha do iô Liodoro [...] Ou fazendo afetuoso oferecimento: - Essa, é que é moça para se casar com um doutor [...] Nome dela é Maria-da-Glória. (p.646)

Enquanto dialogava com Nhô Gualberto, Miguel procurava esmerar-se no seu ofício:

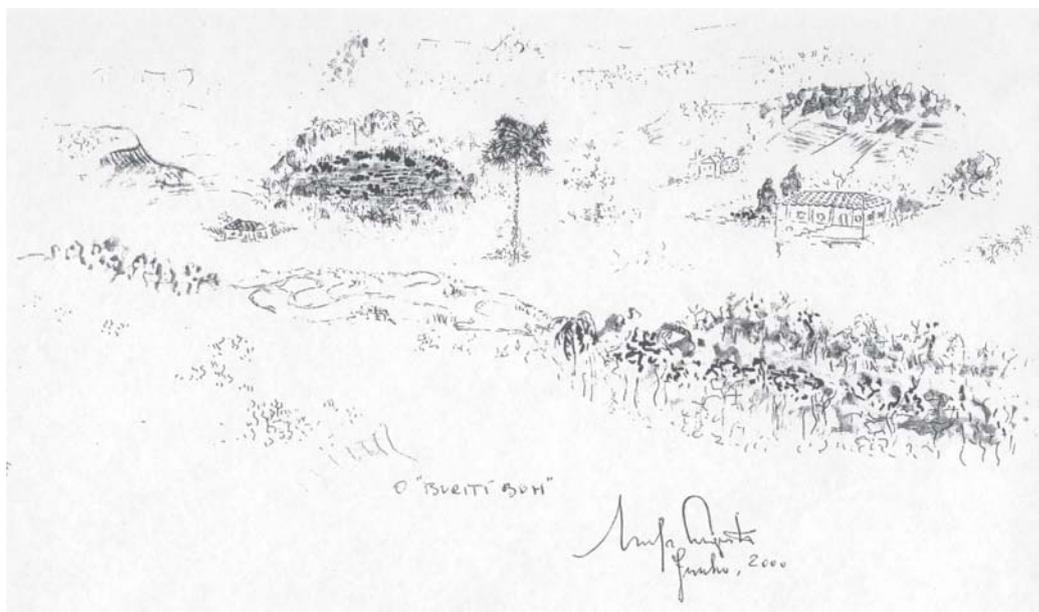
Miguel operava ativo, vacinando. Ele mesmo não deixava de ver a satisfação com que nhô Gualberto reparava nisso. Sempre, surdamente, Miguel guardava temor de estar ocioso e de errar. Um horror de que se errasse, de que ainda existisse o erro. A mais, como se, de repente, de alguém, de algum modo, na viração do dia, na fresca da tarde, estivesse, para se atirar contra ele a violência de uma reprovação, de uma censura injusta. Trabalhava atento, com afinco. Somente assim podia enfeixar suas forças, no movimento pequeno do mundo. Como se estivesse comprando, aos poucos, o direito a uma definitiva alegria, por vir, e que ele carecia de não saber qual iria ser. Aí bem que o sonho era a princípio um jardim de grandes árvores de bela vista, da banda do nascente, um lugar de agrado. Mas o sonho tinha de ser tomado apenas em goles curtos, entre hostilidades. O sol passava, versado e de fogo, sertanejo: não parecia estar-se em maio. (p.643-644)

Este trecho parece-me de capital importância para marcar a transição Miguilim-Miguel. Do primeiro, nota-se ainda a insegurança do infante, fraquinho e medroso, desejando e esforçando-se para aplicar-se, corretamente, no seu ofício. Mas já desponta, no segundo, a entrada de um otimismo solar na elaboração de seus sonhos, e a sabedoria de que a felicidade deve ser sorvida em goles curtos, posto que entremeada de hostilidades. E a evocação do sol - versado e de fogo - lembra o que foi plantado de “alvorecer” no jovem a procura do seu jardim, com suas belas árvores, que talvez venha ser o buritizal do vale do Abaeté.

Embora fazendeiro-menor, quase vassalo de iô Liodoro, nhô Gualberto Gaspar, orgulhava-se de que seus limites no vale iam até a descomunal palmeira - o Buriti Grande. E entre vaidade do possuído de Gualberto e da esperança de possuir de Miguel, Guimarães Rosa faz uma maravilhosa descrição daquela paisagem, da qual eu atrevi-me a rabiscar o desenho da Figura 10. Mas não me furto ao prazer de transcrever o belo trecho contido entre as páginas 653 e 654:

Gualberto saía de casa, cavalgava três léguas, vinha na direção do rio. O rio corre para o norte, Gualberto chegava à sua margem direita. Ali estava o brejão - o Brejão-do-Umbigo - vinte e tantos alqueires de terreno perdido. Entre o cerrado e o Brejão, era uma baixada, de capim-chato e bengo, bonita como uma paisagem. Capim viçoso, bom para o gado, Gualberto puzera lá seus bois para engordar. Toda à volta do Brejão, o côncavo de uma enseada se assinalava, como um desenho, pela linha dos buritis.

Figura 10 - O “Buriti Bom”



Pareciam ter sido semeados, um à mesma distância de outro, um entrespaço de seis a dez metros. Subiam do limpo do capim, rasteira grama; ali, no liso, um cavalo, um boi, poderiam morrer de dia. Mas o buriti-grande parava mais recuado, fora da fila, se desarruava. Um entendedor, olhando a terra, talvez definisse que, nos tempos, o brejo se havia retirado um tanto, para o lado do rio. O chão ali, no arável ou no fundo: farinha ossos de peixes, cascos de cágados. conchas quebradas, guardava limo. Antes, em prazos idos, o buriti-grande se erguera bem na beira, de entrelanço com seus grandes irmãos, como agora os outros mais novos, com o pé quase na água - o que os buritis desejam sempre. Agora ele perdera o sentido de baliza, sobressaia isolado, em todos os modos. Apenas uma coluna. Ao alto que parecia cheio de segredos, silêncios; acaso, entanto, uma borboletazinha flipasse recirculando em ziguezague, redor do tronco, e ele podia servir de eixo para seus arabescos incertos. A borboleta viria para o brejo, que era uma vegetação embebida calma, com lameal com lírios e rosas-d'água, adiada, aqui ou mais um poço, azulíço, entre os tacurús e maiores moitas, e o atalhado de outros poós, encoscorados de verde ôsco. O Brejão era um oásis, impedida a entrada do homem, fazia vida. Não se enxergavam os jacarés, nem as grandes cobras, que se estranham. Mas as garças alvejavam. Surgia um mergulhão, dos tufos, riscava deitado o vôo. Formas penudas e rosadas se desvendavam, dentre os caniços. Impossível drenar e secar aquela posse, não aproveitada. Serenavam-se os nelumbos, nenúfares. ninféias e sagitárias. Do traço dos buritis, até o rio, era o defendido domínio. Assim Miguel via aquilo.

Além do charco e do Buriti-Grande começava o Buriti Bom, propriedade de iô Liodoro, *um dos homens mais ricos deste sertão do rio Abaeté, dono de muito* (p. 630), diante do qual se curvava o dono da Grumixã, que se comprazia, envaidecido, de ser um “amigo”.

O Buriti Bom, por exemplo, era um lugar não semelhante e retirado de rota. Um ponto remansoso. Por tudo, lá nhô Gualberto dedicava seu respeito. Seu amigo era o dono, iô Liodoro - homem soberbo de ações, inteiro como um maior - nhô Gualberto tirava orgulho daquela amizade. Sendo de ser o quase único confinante que frequentava a fazenda, hospedado normal. O Buriti Bom formava uma feição de palácio. Mesmo, naquele casarão de substante limpeza e riqueza, o viver parava em modos tão certos, - a gente concernia a um estado pronto, durável. Faltava uma dona; porque iô Liodoro, conquanto rijo fogoso e em saúde como autoridade, descreia de se casar segunda vez.

E o fazendeiro menor tributava-lhe o maior respeito:

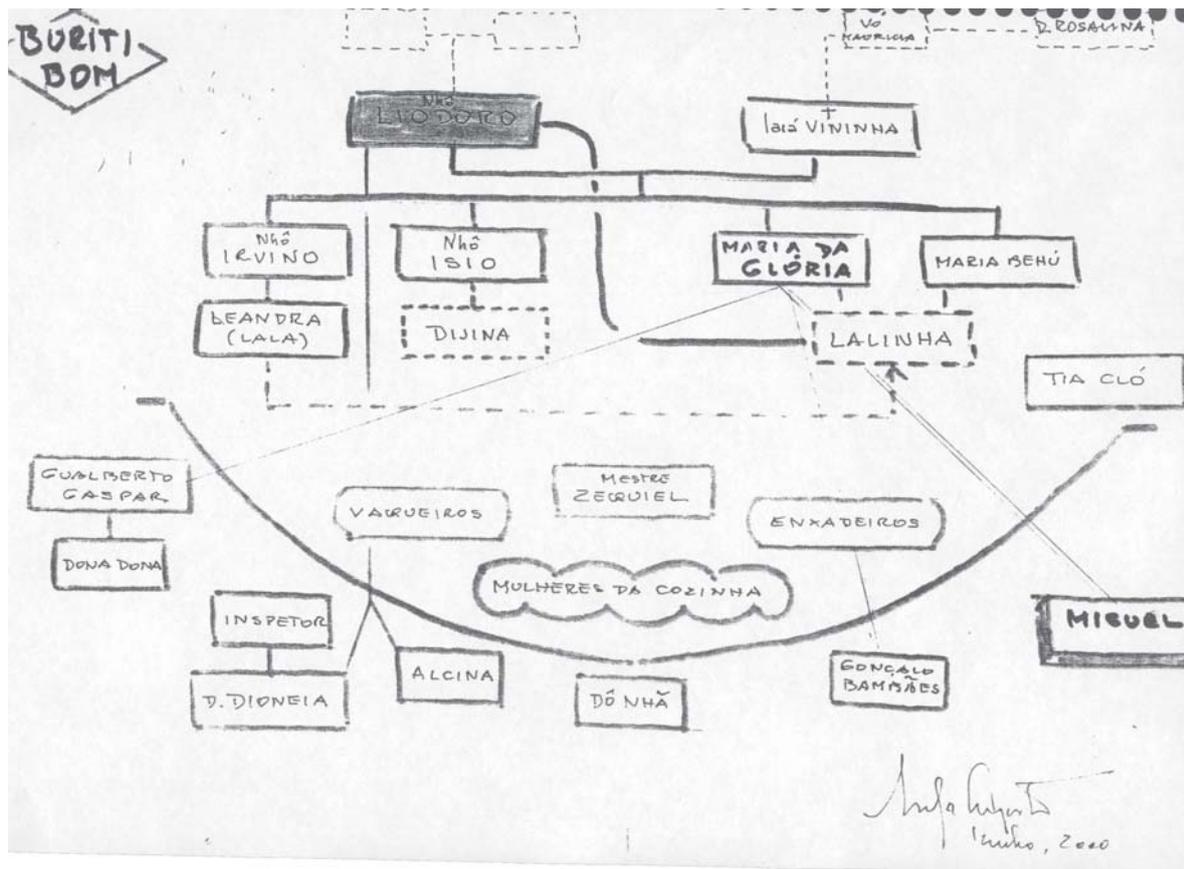
[...] O senhor ver um homem em mando, vê iô Liodoro. Ele mesmo não põe mão em trabalho, de jeito nenhum, mas tudo rege, sisudo, com grandeza. Quase todo o povinho deste nosso derredor, figuro que trabalham para mim ou para ele. O que iô Liodoro é, é antigo. Lei dum dom, pelos costumes. E ele tem mesmo mais força no corpo, acôite de viver, muito mais do que o regular da gente. Não se vê ele estar cansado, presumo que nunca esteve doente. Aqui, confio ao senhor, por bem com toda reserva: fraqueza dele é as mulheres [...]

A mãe de iô Liodoro - Vovó Maurícia - era prima, e grande amiga, de Dona Rosalina, aquela bela e alegre velhinha que fugira do Pinhém com o vaqueiro Lélio. Desde a morte da esposa - Iaiá Vininha - iô Liodoro vivia na casa grande com os filhos. O mais velho, nhô Irvino, fora para a cidade, onde se casara como moça fina, de lá, chamada Leandra (Lala, Lalinha), mas, em pouco tempo a trocara por uma amante. O outro filho, nhô Isio, administrava uma outra fazenda, próxima, mas vivia amaziado com Dijina, que não era recebida na casa paterna. Iô Liodoro fora à cidade e trouxera a nora para viver de baixo do seu teto, na fazenda, junto às suas duas filhas. Estas apresentavam um acentuado contraste:

Maria da Gloria era môça muito bela e estudada: Maria Behú era feiosa e doentia. As duas irmãs acolheram muito bem a cunhada que vivia a espera do marido vir buscá-la. O quadro familiar do Buriti Bom (Figura 11), pela condição e temperamento do patriarca, admita elementos “correndo por fora”, pois ele tinha a sua disposição a mulata Alcina, que revezava com D. Dioneia, a mulher de um seu protegido — “O Inspetor”. A esta dupla, no decorrer da novela, iô Liodoro irá incorporar a nora, carente de marido, que sucumbirá aos encantos do sogro. Aliás Lalinha formará um triângulo com as cunhadas. Enquanto as duas irmãs contrastam em beleza Maria da Gloria, ainda virgem e casadoidra, contrasta com a cunhada, que já “conhecera homem”.

Este ambiente feminino, acentuadamente lunar, acrescido da natureza circundante, aquosa e luxuriante em fauna e flora, impregnam a novela de uma exacerbada atmosfera de sensualidade. E a natureza fornece os seus símbolos. O Buriti Grande, descomunal, palmeira ereta, impar, destaca-se como símbolo fálico. Flores e frutos do cerrado circundante e, sobretudo do Brejão, volta e meia, são associados a genitálias. As “ninféias” do Brejão associam-se às mulheres da casa, as “ninfas”. E as

Figura 11 - Quadro do Buriti Bom



mulheres são evocadas numa sarabanda erótica ante o símbolo magno da natureza:

Dona Lalinha, Maria da Glória, quem sabe Dona Dioneia, a mulata Alcina, ia- Dijina, sonhassem em torno dele uma ronda debailada, desejariam coroa-lo de flores.

O próprio atributo do fruto do buriti em ser passível de produzir um vinho, acrescenta um que de embriagues evasiva, acentuando o caráter “dionisiaco” da novela. Ela também, em sua sensualidade, é impregnada de silêncios, ruídos e cheiros, sobretudo noturnos - domínio lunar. O personagem Mestre Zequiel, que vive no monjolo, próximo à casa da fazenda, e que não consegue dormir, passa as noites a ouvir sons, mensagens da mata, do charco. Numa conversa sobre a força da solidão, entre vaqueiros, diz-se que:

À noite o mato propõe uma porção de silêncios: mas o campo responde e se povoa de sinais. Quando se vem vindo sertão adentro, a gente pensa que não vai encontrar coisa nenhuma.

Às vezes o Buriti Bom chega a ser avaliado como um lugar “negativo”:

Por que haviam construído a casa-da-fazenda naquele ponto de região, tão perto de horrores e matas? Diziam que o valor dali era a terra, e a abundância de águas. Tombava a chuva dos grandes meses do fim-do-ano, de cerra-céu, dava para esfriar e escurecer o tempo mesmo no meio do verão, a gente permanecia dias e dias encerrada. A própria casa calava de crispar-se e se corrugar debaixo dum vapor, ameaçado o mundo de se converter todo no encharcado de um Brejão, num manho-mar.

Mas estas indagações da ansiosa Maria da Glória, contrastavam com a opinião da tranqüila tia Clô, personagem coadjuvante na família para quem o Buriti Bom, em sua casa, era o melhor lugar do mundo.

Como em toda casa-de-fazenda havia o grupo de “mulheres-da-cozinha”. E estas do Buriti Bom desempenham na novela o papel de uma espécie de coro pois, ao mesmo tempo em que trabalham vão comentando os acontecimentos da casa, tecendo os seus comentários sobre o “mundo” por elas percebido:

Assim era aquela gente. O umbral do sertão, o Buriti Bom. Ali quando alguém dizia: - Faz muitos anos[...] parecia que o passado era verdadeiramente longe, como o céu ou uma

montanha. Estúrdio seu estatuto, todos meninos de simples, no inundado de afetos e costumes. Aquelas mulheres da cozinha, para elas os ecos do mundo chegavam de muito distante, refratados: e era um mundo de brinquedo e de veneração. Surpreendiam-se falando coisas de alegre espanto: - Diz-se que na cidade vai haver guerra. (p.740)

O Buriti Bom era fazenda mixta, de gado e lavoura. E, assim, a vida na fazenda, centrada na casa, tinha a ver com muitos vaqueiros e enxadeiros, estes obrando na lavoura, nas terras de matas, onde sobressaiam os canaviais, com toda a complexa lida de cultivo, corte, moagem e fabrico de mel, açúcar, cachaça[...] Além dos aderentes aos vaqueiros e enxadeiros, vivendo em tomo, constituía-se um grupo disperso, à margem, verdadeiros “servos-da-gleba”:

Em certos dias, surgia na varanda uma mansa gente — os pobres do mato. Eram umas velhas, tiritáveis, xales pretos tapando remendos e molambos, os rostos recruzando mil rugas; e as rugas eram fortes, assim fortes os olhos, os queixos — e quase todas eram de uma raça antiga, e claras: davam idéia de pertencer a uma nação estrangeira. Ou os velhos, de calças arregaçadas, as roupas pareciam muito chovidas e secadas no corpo, esses homens se concentravam, num alquebro, sempre humildes. Aquelas roupas tinham sido fiadas e tecidas à mão, por suas mães ou mulheres, ou filhas. Eles deviam de ter passado por caminhos estranhos — carrapichos, pedaços de gravetos, folhas verdes, prendiam-se em seus paletós, seus chapéus. Como deviam de morar em bordas de grotas, ou recantos abstrusos dos morros, em antros e choupanas tristonhas, onde os ventos zuniam e a chuva gotejava. Esses podiam testemunhar milagres. Não, o sertão dava medo — podia-se cair nele adentro, como em vazios da miséria e do sofrimento. Talvez toda a quantia de bondade do mundo não bastasse, para abraça-lo, e seria preciso se produzir mais bondade — como a de Maria Behú e Maria da Glória, que pareciam tanto estimar e proteger aquela pobre gente, as duas disso nem se dando mesmo conta. Era de ver o contentamento com que acolhiam seus afilhados, tão numerosos, uns meninos e meninas que sorriam deslumbradamente e nunca falavam, quase sempre tinham uma beleza amanhecida, os olhos verdes ou escuríssimos pedindo-lhes mandassem querer tudo o que da vida se quer.

Em torno do Buriti Bom e sua casa grande a novela considera alguns coadjuvantes, alguns já aqui mencionados. Dona Dona, a mulher de Gualberto Gaspar, que acaba ficando perturbada do juízo: o tal Inspetor, da mulher infiel. A divertida Dô Nhã que narra para as moças

da casa sua curiosíssima estória de vida. Mais uma mulher, a *absurda*, trazida por nhô Isio para ler a sorte das moças, aflita em suas expectativas amorosa.

Miguel, já em sua primeira visita, se interessara por Maria da Glória, e ela por ele. À primeira visão da moça o jovem vacinador de bezerros ficara impressionado:

E, de repente, vi Maria da Glória. Vi-a, a vulto, mas sentindo densamente sua presença, como um cão fareja. Logo não olhei: como não se olha o alagável do sol, digo, porque me travou um medo. O medo de não ser o momento certo para a encontrar. Maria da Glória era a mulher que menos me lembrava minha mãe. Ela não me lembrava pessoa alguma. (p.677-678)

Desde então Maria da Glória aguardava seu retorno. E confrontava seus sentimentos com aqueles da cunhada, apartada do marido:

- Lala, Irvino vai voltar! - e sorria certo no alvo. Via-se queria não esconder alguma coisa.
- Lala, Miguel também vai vir! Você vai ver [...] (p.769)
- Lala, você, casada e não-casada, assim, sente falta de homem? Me conta? É o mesmo que viuvar[...] (p. 761)

E Maria Behú, bondosa e feia, encontra-se com a morte. Desmonta-se o triângulo.

Iô Liodoro reinava, senhor absoluto, sobre aquele domínio do Buriti Bom. Aos poucos o fascínio que vem, progressivamente, exercendo sobre a nora, descamba em sedução. Até que, numa certa noite[...] Maria da Glória, mergulhada naquela atmosfera sensual, e ante a demora do prometido retomo de Miguel, acaba capitulando ao clamor do sexo.

Achado o peso de um segredo, Glorinha, ah, nem se esquivou, nem tentava. Glória: -Oh, Lala. você sabe[...] Lala: - Eu, meu bem?! Saber o que, se você não me diz? Glorinha: - Lala, você sabe. Então, você não sabe? Lala:- Glória! Glorinha: - Pois, agora, você sabe: é que eu, o Gual[...] Escuta, Lala: o Gual se autorizou de mim. Lalinha: - Glória! Glória! Não é verdade! Deus do Céu! [...] Glória: (“Sua voz tão clara, essa pureza no rosto[...] Era impossível[...]”) - Não fala alto, Lala[...] É verdade, juro. Ele conseguiu tudo comigo[...] Que é que você tem? Eu não estou sã, não estou viva? Ah[...] Agora, não sou mais virgem mais: sou mulher, como você. Sabe, depois que conseguimos, ele já esteve comigo mais três vezes [...] (p.810-811).

Perturbada com a capitulação de Glorinha, Lala

resolve retornar à cidade, a procura de Miguel. Comunica sua decisão ao sogro, que é, também, uma capitulação.

Você, escuta: sou livre, vou-me embora. Na cidade, vou ter homens, amantes[...] Você gosta de mim, me acha bonita, você me deseja muito, eu sei. Pois, se quiser, se vale à pena, estou aqui. Esta noite deixo a porta do quarto aberta[...]” Disse. E saiu dali. Sua alegria era pura, era enorme. Gostaria de dançar, de rir atôa.

Agora, na sua volta, enquanto vacina bezerros na Grumixã, Miguel indaga de Gualberto se Maria da Glória *ainda não arranjou noivado, sempre ainda está sem namoros* e anuncia seu propósito de que, amanhã, vai *pedir a mão dela à Iô Liodoro*. Astutamente, nhô Gualberto Gaspar, para eximir-se de possíveis desentendimentos, diz:

Eh! Aquele moço caçador - nhô Gonçalo Bambães - se lembra? “Esse, pois, esteve de volta por aqui. passou na Buriti Bom [...]” Se revestia daquele meio ar de astúcia, atilado em fé fina (p.818).

Miguel, inocente, pensa ter à sua frente, em seu retomo ao Buriti-Bom, a dupla possibilidade de encontrar o amor e a fortuna. No primeiro caso, relembra sua primeira visita e os colóquios com a bela Glorinha, refletindo sobre sua passada e triste infância em face de um possível e promissor futuro:

Envelhecer devia de ser bom - a gente ganhando maior acordo consigo mesmo. Minha mãe dizia: - Todo amor [...] A meninice é uma quantidade de coisas, sempre se movendo; a velhice também, mas as coisas paradas, como em muros de pedra sôssa. O *Mutum*. Assim, entre a meninice e a velhice, tudo se distingue pouco, tudo perto demais. De preto, em alegria, no mato, o mutum dança de baile. Maria da Glória sabe que pode fiar de sua beleza. Ela tem meu olhar para os seus braços. - “O senhor está com a idéia muito longe[...]” De onde eu sou, ela é: descende dos Gerais, por varonia. Minha meninice é beleza e tristeza. - “*Dito, você é bonito!* [...]” - o papagaio Papaco-o-Paco conseguiu falar. Matavam o tatu, nas noites de belo luar. - “Hei de voltar aqui, sim, volto [...] (p.691).

Agora, na esperança de encontrar um amor - com uma mulher que em nada lembra Nhãnina, sua mãe - e, por meio dele, uma vida de fazendeiro grande, bem diversa da infeliz condição de seu pai, Berno Cas, Miguel elabora sua profissão de fé:

[...] Contra o sertão, Miguel tinha sua pessoa, sua infância, que ele, de anos, pelejava por deslembrar, num esforço que era a mesma saudade. em sua forma mais eficaz. Mas o grande sertão dos Gerais povoava-o, nele estava, em seu amor, carnal marcado. Então, em fim de vencer e ganhar o passado no presente, o que ele se socorrera de aprender era a precisão de transformar o poder do sertão - em seu coração mesmo e entendimento. Assim na também existência real dele sertão, que obedece ao que se quer. - Tomar para mim o que é meu[...] Corno o que seja, dia adiante, um rio, um mato? Mil, uma coisa, movida, diversa. Tanto se afastar: e mais ver os buritis no fundo do horizonte. O buriti? Um grande verde pássaro, fortes vezes. Os buritis estacados, mas onde os vemos se semeiam. (p.641-642)

Do passado Mutum o infante Miguilim saíra inocente, malgrado os informes safados do Patori e do Liovaldo. O sexo era-lhe desconhecido. Da morte ele se salvara, mas o Mutum ficara mergulhado na lembrança da entrada do Ditinho *em glória*. E banhado no sangue de Luisaltino e sacudido pelo enforcamento de Nhô Berno. O presente Buriti o esperava ensombrecido pela morte de Maria Behú, mas, sobretudo avivado em clarões de sexo.

E Miguel, decidido, despede-se de Nhô Gualberto, na Grumixã, e toma o “jeep” em direção ao Buriti Bom. Ao passar pelo Buriti-Grande, ele apontou - *Vigia: que palmeira de coragem!* E a novela se finda com este fecho:

O *jeep* avançou, acamando a campina dos verdes, entre pássaros expedidos, airados. Para admirar ainda o Buriti-Grande. o rapaz se voltava, fosse aprender a vida. Era uma curta andada - entre o Buriti-Grande e o Buriti Bom. Chegariam para o almoço. Diante do dia.

Antes do ocaso solar. O que não se sabe e nunca se saberá será o que, quando cair a noite, lhe trará a lua, brilhando no céu, altaneira, sobre aqueles buritis [...]

Muito obrigado! Mais uma vez, pelo convite, e pela atenção.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES ROSA, J. *Corpo de Baile: Sete Novelas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956 (2 v.)

GUIMARÃES ROSA, J. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzari*. 2. Ed. São Paulo: T. Queiroz-Instituto Cultural Italo Brasileiro, 1981

MONTEIRO, Carlos A. F. A Percepção Holística da Realidade do Sertão a partir de um Mosaico Romanesco: o “Corpo de Baile” de João Guimarães Rosa. In: *O Mapa e a Trama: Ensaio sobre o Conteúdo Geográfico em Criações Romanescas*. Florianópolis, Santa Catarina. (prelo) (Palestra proferida no Seminário de Tropicologia, da Fundação Joaquim Nabuco, do Recife, em 10 de maio de 1988)

MONTEIRO, Carlos A. F. O Espaço Iluminado no Tempo Volteador. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 6, p.17-34. Rio de Janeiro, jul./dez., 1998.

VILHENA ARAUJO, Heloisa . *A Raiz da Alma: Corpo de Baile*. São Paulo: Edusp, 1992. (Coleção “Criação e Crítica”, n.10)

Of the Mutum to the Good Buriti: Passage of Miguilim

ABSTRACT

This work through the literary interpretation makes a description of the landscape reproducing geographical space created by Guimarães Rosa (1956) in the imaginary of the romance “Manuelzão and Miguilim”.

KEY-WORDS: Landscape geographical-imaginary-geography geographical cultural-space.